



**Universidade Federal
de Santa Catarina**

**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História**

Eric Alves dos Santos

**MEMÓRIAS DE HÓQUEI EM PATINS NAS NARRATIVAS DE FRANCISCO
VELASCO: COLONIZAÇÃO E DESPORTO EM MOÇAMBIQUE**

Florianópolis
2014

Eric Alves dos Santos

**Memórias do Hóquei em Patins nas narrativas de Francisco Velasco:
Colonização e Desporto em Moçambique**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Universidade Federal
de Santa Catarina, como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Licenciatura e Bacharel em história
sob orientação da professora Mônica
Martins da Silva.

Local, ____ de _____ de ____.

Florianópolis
2014



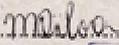
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

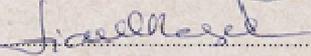
Aos quatro dias do mês de dezembro do ano de dois mil e quatorze, às nove horas, na sala de reuniões do Centro de Educação – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora **Mônica Martins da Silva**, Orientadora e Presidente, pelo **Silvio Marcus de Souza Correa**, Titular da Banca, e pela Professora **Liane Maria Nagel**, Suplente, designados pela Portaria nº52 /TCC/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Eric Alves dos Santos**, subordinado ao título: "**Memórias do hóquei em patins nas narrativas de Francisco Velasco: colonização e desporto em Moçambique**". Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora **Mônica Martins da Silva**, a nota final 9,0., do Professor **Silvio Marcus de Souza Correa**, a nota final 9,0., e da Professora **Liane Maria Nagel**, a nota final 9,0.; sendo aprovado com a nota final 9,0... O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História, até o dia doze de dezembro de dois mil e quatorze. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 4 de dezembro de 2014.

Banca Examinadora:

Prof.^a **Mônica Martins da Silva** 

Prof. **Silvio Marcus de Souza Correa** 

Prof.^a **Liane Maria Nagel** 

Candidato **Eric Alves dos Santos** 



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) ERIC ALVES DOS SANTOS, matrícula
n.º 09161012, entregou a versão final de seu TCC cujo título é
MEMÓRIAS AUTOQUEI EM ATIVIDADES, com as devidas correções sugeridas pela
banca de defesa. NARRATIVAS de Francisco Velasco:
COLOMBIZAÇÃO e DESERTO EM MOGAMBIQUE.

Florianópolis, 10 de Dezembro de 2014.

Milva

Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Gratidão tremenda vai para todas as pessoas que estiveram comigo durante essa jornada, mas para não me estender demais, vou apenas citar alguns.

Um agradecimento ao pessoal da CEU, com quem eu tive o desprazer de tomar algumas cervejas: Reginaldo, Cumpadi, Alemão e o Chileno.

A minha família, em especial a minha mãe que sempre me recebe com a garganta gelada.

Ao pessoal do LEHAF, valeu gente!

A minha querida Renata, que deu aquela força.

Ao pessoal da Duda Willy que ajudou quando faltou o leite e o pão.

A orientação da professora Mônica, fundamental para a realização deste TCC e um agradecimento especial pelo “aprender fazer” da profissão de professor.

Ao Sílvio, pelo apoio, amizade e por me fazer ver que os estudos africanos “tem muito pano pra manga”. Valeu!

Em especial ao Velasco, pois sem ele certamente este trabalho não existiria. Obrigado!

Antes de escrever um relato, o homem
recorda os fatos tal como lhe foram
narrados ou, no caso de experiência
própria, tal como ele mesmo os narra.

Hampâtè Bá

Resumo

Francisco Xavier Franco Bélico de Velasco é goês, mas cresceu em Moçambique e atualmente reside em Lisboa. Atleta praticante de hóquei em patins, atividade que conciliou com sua profissão de hidrógrafo, foi um dos protagonistas da chamada “época de ouro” (1957-1967) do hóquei patinado moçambicano, arrebatando todos os títulos que disputou. Porém, Velasco integrou-se ao selecionado português de hóquei em patins durante os anos de 1957–1964, sendo que, nessa fase, quatro hoquistas de Moçambique representavam a Seleção Nacional Portuguesa: Fernando Adrião, Amadeu Bolços, Vaz Guedes e Francisco Velasco. O presente trabalho tem por finalidade compreender as estratégias da construção de si, de Francisco Velasco, por meio de suas memórias. É nessa perspectiva que, tanto seu depoimento quanto seu *website* tornar-se-ão uma janela para se pensar a história do hóquei patinado em Moçambique.

Palavras-chave: Memória, Escrita de si, Hóquei em patins, Moçambique.

Sumário

Introdução	9
I - As Memórias de Francisco Velasco e as Estratégias Discursivas da Invenção de Si	19
I.I – A procura da construção de uma origem	19
I.II – Infância e Educação em Moçambique, nas memórias de Francisco Velasco	28
I.III - A invenção do atleta nas narrativas de si	37
II –História de Moçambique e a tessitura da memória do Hóquei em Patins ...	50
II.I – Independência moçambicana e o hóquei patinado	50
II.II – A construção de Velasco treinador nos movimentos da memória.....	59
II.III – Eu colonizador, Eu colonizado	68
Considerações finais	76
Fonte	79
Bibliografia.....	79
Anexo	83

Introdução

A escolha da temática, *O hóquei em patins de Moçambique por meio das memórias de Francisco Velasco* foi fruto de um processo que se deu ao longo do curso de Graduação em História, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina. Durante este período, que teve início em 2009, tive contato com a disciplina de História da África, embora, os estudos africanos já despertassem meu interesse mesmo antes do ingresso na graduação. Foi a partir da realização da disciplina que pude desenvolver e participar de trabalhos relacionados à área. Ao longo dos próximos parágrafos, portanto, descreverei como se deu a escolha do tema do Trabalho de Conclusão de Curso e, para isso, é essencial narrar o caminho percorrido.

O auxílio do professor Dr. Sílvio Marcus Souza Correa (UFSC), que conheci no ano de 2009, titular da disciplina de História da África, foi de fundamental importância para a minha aproximação dos estudos africanos. No ano de 2010 fui bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) sob sua orientação, com o tema “O mundo atlântico e a colonização alemã (1884-1919)” e, como parte do trabalho, recolhi excertos de alguns jornais africanos, disponibilizados no acervo do portal da Biblioteca Universitária da UFSC, *African Newspaper*, que abarca os anos que se estendem de 1800 a 1922 (período oferecido para pesquisa pela BU).

Ao término do tempo da bolsa de IC, iniciei alguns trabalhos voluntários no Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Inter-étnicas – NUER/UFSC, coordenado pela Dr^a Ilka Boaventura Leite, professora do Departamento de Antropologia da UFSC/PPGAS, onde dediquei-me aos assuntos afro-brasileiros. Porém, preocupado em elaborar um tema para o TCC que contemplasse meus interesses de estudo, inclinei-me novamente à História da África.

Assim, no ano de 2012, regressei aos estudos africanos, sobretudo, àqueles concernentes aos países de língua portuguesa. Após uma conversa com o professor Sílvio Marcus, fui estimulado a procurar um tema que pudesse ser pesquisado em jornais africanos, principalmente os que compõem o acervo

do portal da Biblioteca Universitária, como o *African Newspaper*, com o qual eu já havia tido contato nos anos anteriores.

A escamoteação no referido portal deu-se de forma aleatória e resultou na escolha dos jornais moçambicanos *O Brado Africano* do ano de 1918 à 1922 e *O Africano* do ano de 1912 à 1922, talvez por estarem dispostos entre os primeiros na lista do *African*, ou por serem em maior número do que os periódicos de Angola, Cabo Verde e Guiné, ou, simplesmente, por feliz acaso. O fato é que, posteriormente, passei a observar os jornais quanto as notícias de desporto e lazer em África, ou melhor, em Moçambique.

O Brado Africano e *O Africano*, corriqueiramente, noticiavam as participações de *Sportmans* em competições ocorridas em Moçambique. Por exemplo, em “Crônica Desportiva”, n’*O Brado Africano*, louva-se a iniciativa em Lourenço Marques de se realizar competições desportivas de “Foot-Ball” entre um grupo formado por um misto do Clube 1º de Maio com Sport de Lourenço Marques contra uma equipe inglesa, provinda da África do Sul, em *O africano*, notícias sobre competições patinadas eram constantes, como “Corrida de sacos”, “Corrida de Costas com Patins”, “Lucta de tracção” e “Jogos da rosa”. Os patins em Lourenço Marques, naqueles anos iniciais do século XX, pareciam ser a onda do momento. *O africano*, no dia 26 de julho de 1916, noticia a prática do lazer no Jardim Municipal, um espaço onde a população praticava a patinação ao redor do jardim, pagando pelo desfrute do lazer um total de 65 centavos, que correspondiam à entrada ao parque e ao aluguel do equipamento de patinação¹.

No decorrer do processo de acesso às fontes, passei a observar a recorrência da prática desportiva de hóquei patinado, sobretudo nos jornais datados a partir de 1912, após a inauguração do Teatro Varietà. Em 01 março de 1912, o periódico *O Africano* noticia a participação de “certa troupe” que, nos ringues de hóquei iam dificultar a patinação de famílias. A partir deste ano, o hóquei em patins moçambicano passou a se desenvolver com o auxílio de ingleses tanto da antiga Rodésia, como da África do Sul, e, em Moçambique, pelos irmãos Buccellato.

¹O Africano, Lourenço Marques, 26 de julho de 1916.

No portal *Memória de África e do Oriente*², pude conferir que a equipe do Desportivo de Lourenço Marques, no ano de 1961, após sagrar-se vencedora, naquele ano, no campeonato moçambicano de hóquei em patins, partiu rumo a Lisboa a fim de se apresentar frente aos times da metrópole, no Torneio de Portugal. A equipe não conseguiu êxito e voltou para Moçambique sem participar dos jogos das finais (PORTUGAL. Colónia de Moçambique, 1961, p. 108).

Notícias como esta aparecem com frequência nos documentos supracitados, então, optou-se por dar atenção maior ao hóquei patinado na colônia portuguesa de Moçambique. A minha falta de conhecimento sobre o assunto, assomada a quase “invisibilidade” dessa modalidade de esporte entre os africanos, foi o que impulsionou a escolha deste recorte temático. Também foi curioso observar a relação entre colônia e metrópole no que tange ao desporto e seus desportistas coloniais. É sabido que a administração governamental fez uso do esporte para articular suas manobras de poder, assim como tomaram alguns atletas para a legitimação desse poder que associou esporte e governo. Pensando nisso, procurou-se, inicialmente, investigar a relação do Estado Novo português (1933-1975) sob comando de Oliveira Salazar e o hóquei em patins moçambicano. O objetivo era entender como o governo de Salazar se articulou com o propósito de manter suas colônias ultramarinas, especialmente em Moçambique, e como esta relação estava imbricada com o desporto.

No entanto, essa proposta de investigação carecia de fontes que amparassem o período escolhido, ou seja, o Estado Novo Português. Assim, com indicação e por intermédio do professor Silvio Marcus, pude conhecer o trabalho do professor da Universidade Federal da Bahia, Dr. Valdemir Zamparoni³ que, via e-mail, disponibilizou para o professor Sílvio alguns exemplares d'O Brado Africano de 1918 à 1937, que puderam ser catalogados. Nesses jornais eram escassas as notícias de um desporto incipiente em África,

² Portal online de documentação, desenvolvido e mantido desde 1997 pela Universidade de Aveiro em conjunto com o Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento.

³Zamparoni entregou para o professor Sílvio uma cópia em CD do jornal moçambicano *O Brado Africano* de 1918 – 1937. Esses periódicos são parte das fontes de sua tese de doutorado intitulada, **Entre Narros & Mulungos**: Colonialismo e paisagem social em Lourenço Marques c. 1890- c.1940, e em diversos estudos sobre Moçambique.

sobretudo hóquei patinado, aparecia ora aqui ora ali, nos jornais disponibilizados.

Naquele momento, portanto, passou a se esboçar, como possibilidade de estudo, uma proposta um tanto audaciosa para um TCC, pois intentava-se estudar uma história do hóquei em patins moçambicano. Porém, diante da falta de documentação substancial para a realização do presente trabalho, mesmo após o contato com jornais moçambicanos da década de 1920 e 1930, que não deram conta do recorte temporal escolhido, ou seja, o Estado Novo português (1933-1975)⁴, além de documentos portugueses como os do arquivo de *Memória de África e do Oriente*, achou-se necessária a procura de outras fontes.

Ademais, “gugolizando” - lembro aqui uma expressão de Luiz Felipe de Alencastro – deparei-me com um website⁵ elaborado e criado em 2010 por Francisco Velasco. Neste espaço, são apresentadas aos “internautas” as memórias desse personagem, sobretudo de uma fase em que ele atuou como atleta de hóquei em patins, bem como relatos de sua infância até a vida adulta. Portanto, antes de falar sobre o encontro com este site, que configurou-se, posteriormente, como divisor de águas para o presente trabalho, faz-se necessário a apresentação de seu criador, Francisco Velasco.

Francisco Xavier Franco Bélico de Velasco é goês, mas cresceu em Moçambique e atualmente reside em Lisboa. Atleta praticante de hóquei⁶ em patins, atividade que conciliou com sua profissão de hidrógrafo, foi um dos protagonistas da chamada “época de ouro” (1957-1967) do hóquei patinado moçambicano, arrebatando todos os títulos que disputou. Porém, Velasco integrou-se ao selecionado português de hóquei em patins durante os anos de 1957–1964, sendo que, nessa fase, quatro hoquistas de Moçambique representavam a Seleção Nacional Portuguesa: Fernando Adrião, Amadeu

⁴Este período foi escolhido, pois procurava-se investigar e entender a relação do hóquei patinado, os atletas moçambicanos e a política estado-novista portuguesa. Imaginava-se que haveria certa facilidade de encontrar suplemento para a realização da história do hóquei patinado moçambicano, intento do trabalho no momento.

⁵<http://www.francisco-velasco.com/>

⁶ Hóquei em Patins é uma modalidade desportiva praticada coletivamente em uma quadra de patinação. Cada equipa contém cinco integrantes sendo quatro na linha (correndo) e um goleiro e usa-se o *stick* (bastão) para conduzir a bola até o gol do adversário. Os maiores torneios de hóquei patinado são o **Campeonato Mundial de Hóquei em Patins** e o **Campeonato Europeu de Hóquei em Patins**.

Bolços, Vaz Guedes e Francisco Velasco, como pude observar em seu website.

A página da internet citada tem uma divisão que obedece a uma narrativa muito particular. Separado por nove “abas”, o sítio exhibe: apresentação e sua expectativa para com o *site*; sua (auto)biografia, que envolve as etapas de nascimento, infância e adolescência; o período em que foi atleta e que exercia conjuntamente sua profissão de hidrógrafo, passando pela fase que atuou como jogador de hóquei em Moçambique, defendendo a seleção nacional portuguesa. Além disso, por meio da sua página pessoal, ele conta anedotas de infância, algumas táticas articuladas de jogo, assim como comenta suas conquistas como atleta e sobre o período em que atuou como treinador.

É provável que a percepção do fato de quatro jogadores moçambicanos terem atuado pelo selecionado português, tenha sido um catalizador para que eu refletisse sobre a história dessa modalidade desportiva na África Oriental portuguesa. Além disso, algumas questões vieram à tona, como, por exemplo: Como jogadores de hóquei moçambicanos puderam se tornar protagonistas defendendo a camisa da seleção nacional portuguesa? Por que a ausência dos negros moçambicanos nos ringues do hóquei em patins, embora, quando observamos algumas fotografias da época, podemos identificá-los nas arquibancadas das partidas ocorridas em Moçambique ou recepcionando os jogadores quando estes regressavam da metrópole? Ou ainda, qual o sentido estratégico dos representantes de um Estado Colonial “moribundo” valer-se de desportistas da colônia de Moçambique para implantar a ideia de unidade nacional, o Luso tropicalismo⁷?

É importante, desde já, frisar que a prática do hóquei patinado em Moçambique ficou reservada à parcela branca da população, visto que no período estudado não encontrou-se nenhum vestígio de negros atuando na atividade desportiva do hóquei em patins, isso se deu, posteriormente, após o

⁷Gilberto Freyre, o grande defensor do Lusotropicalismo, pregava que o modo Luso de agir nos trópicos se dava por meio da assimilação de culturas, dos europeus para com os povos colonizados dos trópicos. Salazar se apropria dessa ideia freyriana para uma propaganda política em um momento no qual as independências africanas e na Ásia estão a pulular, inculcando, assim, um pensamento de unidade nacional, segundo o qual todos os colonizados seriam portugueses.

processo independentista, em 1975, ainda que com pouco apoio financeiro do Estado moçambicano independente.

A minha aproximação pessoal desse personagem ocorreu em fevereiro de 2013, quando pude participar das II Jornadas de Comunicação e Desporto que ocorreu na Universidade de Coimbra. Esta afortunada coincidência e a disposição do ex-atleta em estabelecer o contato possibilitaram que pudéssemos nos encontrar, já que eu vinha me comunicando, há alguns meses por correio eletrônico com Francisco Velasco. Dessa forma, manifestei minha intenção nos estudos do hóquei patinado em Moçambique quando lhe escrevi uma primeira mensagem eletrônica. Tempos antes de viajar, nos correspondemos por e-mail e então revelei minha viagem e a intenção de nos encontrarmos.

Na ocasião, Velasco aceitou ser meu depoente e relatar sua vida e sua relação com o hóquei⁸. É importante dizer que, naquela ocasião, o meu objetivo era obter o depoimento de Velasco para complementar as outras fontes que poderiam ser encontradas nos arquivos portugueses: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Biblioteca Nacional de Portugal, Arquivo do ICS – Lisboa e Hemeroteca Municipal de Lisboa. No entanto, naquele momento, a entrevista não era considerada a fonte principal. Mas, munido de um gravador e um roteiro de questões⁹ produzi uma entrevista que, posteriormente, tornou-se a principal fonte do trabalho, haja vista que a pesquisa documental pretendida não teve muito êxito.

No início do ano 2014 o professor Sílvio encontrava-se de licença, e eu estava em busca de orientação para o meu trabalho. Em uma conversa informal com a professora Mônica Martins, pude explicar-lhe a condição do meu TCC, bem como as intenções que eu tinha para esse trabalho. A par da situação, a professora aceitou orientar o trabalho, mas diante da ausência das fontes necessárias para a continuidade da proposta anterior, foi necessária uma reconfiguração do projeto. Sendo assim, passamos a tratar o depoimento

⁸Entrevista concedida por Francisco Xavier Franco Bélico de Velasco, realizado em Lisboa no dia 08 de março de 2013. Ver [www. http://lehaf.paginas.ufsc.br](http://lehaf.paginas.ufsc.br).

⁹Algumas das questões que nortearam esse depoimento estão acima elencadas, porém Velasco não se ateve somente a respondê-las, extrapolando, assim, o limiar entre a vida pública e privada, passando pela política nacional e internacional.

de Francisco Velasco, como uma fonte privilegiada para o trabalho, mas compreendendo essa narrativa como parte de uma construção discursiva do personagem sobre a sua própria história no presente. Além disso, o site desenvolvido por ele passou a ser considerado como parte de estratégias de construção de uma história de si. É daí que surge esta tarefa, ou seja, um estudo acerca de Francisco Xavier Franco Bélico de Velasco, compreendendo os mecanismos de produção de uma história de si relacionada ao hóquei em patins em Moçambique.

O depoimento de Velasco será abordado no presente trabalho, na busca da compreensão de uma escrita de si e foi dividido em dois subtemas: a construção do sujeito a partir de sua infância, sua origem, e a construção de um sujeito político e crítico. Portanto, vale a pena frisar que Velasco constrói uma narrativa de si partindo do presente para rememorar o passado. É nessa perspectiva que, tanto seu depoimento quanto seu *website* tornar-se-ão uma janela para se pensar a história do hóquei patinado em Moçambique.

Segundo Ângela de Castro Gomes (2004), a prática de produção de si ou a escrita autobiográfica está contida na constituição de uma memória de si, bem como no ato de selecionar e guardar determinados objetos materiais. A autora diz ainda que, “através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado” (GOMES, 2004, p.11). Ademais, há uma busca por materializar sua história, nesse caso a de Velasco, buscando um significado num passado a fim de dar sentido ao presente.

Sendo assim, o objetivo central desse trabalho é desenvolver algumas reflexões acerca da vida de Francisco Velasco, procurando compreender a sua trajetória como atleta, identificando os mecanismos a que ele recorre para construir uma história de si e, por meio dela, as suas estratégias de construção de uma trajetória singular, coerente e estável, para a sua própria vida. Por meio de uma perspectiva autobiográfica, procura-se compreender a trajetória desse sujeito na construção de si, do singular para o geral, realizando um movimento de diminuição e aumento de escala (LORIGA, 2003), empreendendo, dessa forma, uma dinâmica histórica quase global de Moçambique pela perspectiva particular e análise da experiência individual de

Francisco Velasco, tanto por meio de seu depoimento como também de seu *website*. Portanto, “ao trabalharmos com memória, fazemo-lo conscientes de que tentamos capturar o fato sabendo-o reconstruído por uma memória seletiva, intencional ou não” (ABRAHÃO, 2004, p.211).

Uma preocupação constante quando se elabora estudos a partir da escrita de si, deve ser em relação à narrativa do entrevistado, pois o narrador se inventa no instante da entrevista ou elaboração de seu diário. Outra, diz respeito ao “efeito de verdade”, ou seja, a questão gira entorno do não permitir-se ser capturado pela ideia de veracidade da narrativa do locutor. Assim, em se tratando da escrita de si, a fonte faria o historiador acreditar no que ela diz, como se ela fosse a expressão do que é fato dentro de um acontecimento, como “verdadeiramente aconteceu”, o que, assim como em qualquer outro tipo de fonte, não existe (GOMES, *Idem*, p.15-16).

Desse modo, ao relatar a vida de Velasco tenta-se, no bojo, levantar algumas questões que se articulavam àquele momento da história moçambicana, evidenciando os movimentos da memória desse sujeito e as suas estratégias de construção de si, entrecruzando o seu relato por meio de uma entrevista e o material exibido *online*, sobretudo seu *website*. Assim, pretende-se apresentar a vida de Francisco Xavier Franco Bélico de Velasco associada à perseguição de possíveis respostas às questões anteriormente apresentadas.

Constituiu-se, portanto, como fonte historiográfica deste trabalho o depoimento de Velasco e sua página na internet. Preferencialmente, ao se tratar da prática desportiva do hóquei patinado por Velasco, seu sítio receberá melhor atenção. Quando tratar de questões relacionadas à família ou a política, a concentração não se dará essencialmente no uso dos relatos do *website*, mas, principalmente, por meio do depoimento recolhido. Objetivando, assim, uma análise focada na construção de si por meio destas duas narrativas, no que confere as questões subjetivas, pessoais relacionadas a outras de âmbito mais geral. Torna importante frisar que o depoimento de Velasco não fora colhido conforme os preceitos básicos da História Oral, ou seja, no momento de produção da entrevista, não se objetivada construir uma fonte para a pesquisa, embora tenha havido a preocupação em elaborar um roteiro de

questões¹⁰. No entanto, não podemos desconsiderar a sua natureza de fonte histórica, que precisa ser compreendida de acordo com as condições de sua produção.

No primeiro capítulo tem-se uma busca pela compreensão das estratégias de construção de si adotadas por Velasco. Apresentando-se como um sujeito preocupado em buscar suas origens, mas também revelando um desejo em permanência, de continuidade no mundo. Essas são intenções possíveis de ser interpretadas ao analisar o seu *website*, como ferramenta de produção de suas memórias. Percebe-se, ademais, uma ressignificação da memória no presente ao que compete seus anos de liceu. Naquele tempo, para Velasco, não interessava questionar o lugar dos negros dentro do sistema educacional moçambicano, isso vai ocorrer com sua experiência de vida. Neste capítulo também serão abordadas as sua primeiras “sticadas”, ou seja, o momento que para Velasco foi decisivo para a iniciação da prática do hóquei em patins.

No segundo capítulo, pensou-se em estudar as formas de construção de si partindo do atleta, ou seja, sua constituição como atleta amador de hóquei patinado. Para tanto, relaciona-se o entrecruzamento das suas memórias pessoais e suas intenções biográficas a um movimento contínuo entre a sua própria vida e à história de Moçambique, abordando episódios como a independência política de Portugal, por meio do qual confere relevância ao papel dos desportistas nesse processo. A sua história pessoal, entrecruza-se com a história do país, em outros momentos como o regresso de Velasco no ano de 1978 à Moçambique independente, vindo da África do Sul. Também é evidenciada a sua aparente insatisfação com o novo governo instalado da República Popular de Moçambique e com sua equipe de topógrafos provindos da antiga URSS, com quem trabalhou até 1980, quando um acidente de trabalho lhe decepa a mão direita.

A partir de então, Velasco sente a necessidade de se “reinventar”, abandonando de vez, o hóquei em patins em 1984, ou as quadras, pois em 2010, o ex-atleta encontra na internet uma ferramenta de “desabafo” da memória. E é a partindo das memórias de Velasco que se pretende estudar o

¹⁰ Questões em anexo.

hóquei patinado moçambicano por meio das estratégias desse homem de construir a si mesmo como atleta, treinador e sujeito no seu mundo. Isto engloba a história de Moçambique durante os anos iniciais da década de 1930 até o pós-independência, quando Velasco parte rumo a Portugal.

I - As Memórias de Francisco Velasco e as Estratégias Discursivas da Invenção de Si

I.1 – A procura da construção de uma origem

Era verão no dia 16 de novembro de 1934 na cidade de Ribandar em Goa que na época fazia parte da Índia portuguesa. Nesse dia e lugar nasceu Francisco Xavier Franco Bélico de Velasco. No ano anterior, em Portugal, sob o comando de Oliveira Salazar, o Estado Novo havia sido instituído. Desde então, os territórios ultramarinos de domínio lusitano eram tratados com mais acuidade por parte do governo luso, tanto em África como nas Índias. Em traços gerais, assim se define o contexto no qual se insere Velasco, que assim será tratado, já que foi com esse nome que o conheci.

Apesar de ter nascido em Goa, Velasco cresceu e se criou em Moçambique, tornando-se um desportista praticante de hóquei em patins, embora tenha declarado, na entrevista concedida, que era um “atleta amador”, por simplesmente amar o hóquei. Dividia este sentimento pelo hóquei patinado com sua profissão de hidrógrafo ou “topógrafo dos mares”, como ele mesmo se definiu. De acordo com ele, os estudos topográficos foram de suprema importância para a construção dos caminhos de ferro no “novo mundo”:

Sendo operador topo-hidrográfico, os chefões mantinham-me na cidade de Lourenço Marques, com algumas idas às cidades costeiras. Outros topógrafos iam apoiar a construção de linhas férreas, ficavam meses no mato e quando regressavam, vinham cheios de mosquitos, paludismos (VELASCO, 2013, p.13).

As construções ferroviárias do século XIX no Novo Mundo eram tidas como sinais representativos de progresso aos povos pelos europeus, e com objetivos de exploração do território. Rodrigues Junior (1958) defende que “o desenvolvimento das vias de comunicação deu não só a possibilidade de fixar

o colono à terra que tinha à sua disposição o transporte fácil, mas ainda a de enriquecer o branco já instalado” (JUNIOR, 1958, p.85). Porém, foram constantes as chamadas doenças tropicais, contraídas por conta das picadas de insetos¹¹ nas construções férreas. E é justamente contra essas doenças que Velasco parecia querer se afastar, ao preferir exercer sua profissão próximo à cidade.

Essa permanência nos centros urbanos, possibilitou ao atleta desenvolver o hóquei em patins, modalidade desportiva que, segundo ele, amou desde criança. Contemporaneamente, Velasco registra suas lembranças em uma página da *web*, ou seja, quase octogenário ele, ali, dedica um esforço em relatar, para posteridade, uma memória do hóquei em Moçambique¹². Criado em 2010, seu *website* tem o intuito de “guardar” não só suas memórias, como também é um espaço de produção de memórias, pois o público ao visitar seu sítio eletrônico, que outrora dividia a mesma atmosfera, tem a oportunidade de rememorar. Velasco, sobre seu sítio vai dizer que:

O meu website centrou-se principalmente na evolução do Hóquei em Patins moçambicano, durante uma época interessante e da qual fui um protagonista activo e apaixonado. Fazia-me impressão que uma época famosa desta modalidade se esfumasse com o tempo, daí este esforço para deixar para os vindouros (VELASCO, 2013, p.7).

Torna importante ressaltar a preocupação de Velasco em perpetuar, não apenas a história de um período do hóquei em patins moçambicano, como também a que ele chamou de “época famosa”. Uma fase de sua história onde fora idolatrado como jogador de hóquei, defendendo o selecionado português em diversos campeonatos europeus, além de ser um representante moçambicano.

Em sua página na internet, Velasco aparentemente se dedica a depositar suas memórias sobre o hóquei patinado, mas, além disso, apresenta

¹¹Sobre doenças tropicais nas construções ferroviárias, não só em territórios africanos, mas em Brasil e Ásia, ver: BENCHIMOL, J. L.; SILVA, André Felipe Cândido da. Ferrovias, doenças e medicina tropical no Brasil da Primeira República. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro, July/Sept v. 15, p. 719-762, 2008.

¹²Ver <http://www.francisco-velasco.com/>

aos leitores suas intimidades familiares. Disponibilizando uma lista em que exhibe os nomes de seus avós, tanto paternos quanto maternos, irmãos, cunhados, sobrinhos, primos, ex-esposas e até mesmo ex-sogros, ele o faz em uma seção chamada “Biografia”.

Na estampa de apresentação do sítio, pode ser identificada ao fundo uma imagem do que seria a representação de um jogador de hóquei em patins, preparando-se para realizar um gol. Em primeiro plano é estampado o rosto de seu autor e para o lado oposto, curiosamente, é dedicado ao Brasão de Armas de Portugal, como pode-se depreender da imagem abaixo.



Fonte: <http://www.francisco-velasco.com/>

A disposição do Brasão de Armas Português, chama atenção pelo fato de sua página na internet ser um espaço dedicado ao desporto, sobretudo, em Moçambique. Porém foi “internacionalizando”, ou representando a metrópole lusitana que Velasco ganhou notoriedade e talvez esse fosse o motivo da escolha do emblema lusíada. Outro motivo, que pode estar relacionado a esta escolha, diz respeito a sua falta de identificação com os símbolos da República Moçambicana Independente. Moçambique adota um emblema, após sua independência política de Portugal, de forte influência soviética, caracterizado por elementos da luta pela libertação, como a agricultura, o conhecimento e a arma de fogo.

Na seção “Os Famosos” Velasco empenha-se em apresentar os personagens da chamada “época de ouro” do hóquei em patins moçambicanos, entre os anos de 1957 a 1967. Manuel Carrelo, José Vaz Guedes, Amadeu Bouços, Fernando Adrião, Alberto Moreira e o próprio Francisco Velasco. Na aba “Eu, o treinador”, o autor dedica-se a apresentar sua passagem por alguns clubes de hóquei patinado, desde os anos de 1955,

relatando sua permanência em África do Sul e seu retorno à Lourenço Marques entre os anos de 1965 a 1977, apresenta, também, sua breve estadia em Moçambique, de 1978 a 1981, quando ocorre um acidente de trabalho do qual lhe amputará a mão direita, também sua passagem por Angola, Itália e Portugal, onde reside até hoje. Na subdivisão “Da Cartola”, Velasco dedica-se a rememorar anedotas, sobretudo de sua infância em Moçambique. Já no “O Carrocel”, apresenta-nos táticas e estratégia de jogo que elaborou enquanto treinador.

Porém, antes de apresentarmos sua jornada dentro do hóquei, torna-se importante conhecer um pouco mais aquele que é fruto de estudo neste trabalho. Velasco foi o único filho, do total de cinco, nascido nas Índias portuguesas, sendo que seus irmãos nasceram em Moçambique, mas sua ascendência, no entanto, era de Goa. A origem goesa o levou-, posteriormente, a questionar o nome que sua família carregava, “Franco Bélico de Velasco”, “O que eu sei é que minha linhagem vai até 1505, (...) achava curioso que o meu apelido fosse assim tão comprido, Franco Bélico de Velasco”. Diante disso, ele partiu em uma busca pela internet e descobriu que seu apelido, ou seu sobrenome, originou-se, provavelmente, na ocupação das Índias pelos portugueses. Ou seja, em depoimento, Velasco sugeriu que suas origens eram, na verdade, lusas. Assim, afirmou: “Franco Bélico de Velasco eram o meu Pai, meu irmão e irmãs, todos eram Franco Bélico de Velasco. Portanto a única coisa que ficou foi o nome aristocrático porque ‘palácios’ nem se ver”.

Talvez essa pesquisa por suas origens demonstre o anseio de Velasco pela permanência no mundo, assim como quando, ao elaborar sua página pessoal, projeta-se “para a posteridade” evidenciando suas lembranças de uma época. Desta forma, ele demonstra querer obter estabilidade e longevidade. Em relação ao seu sobrenome, ao procurar “atestar” sua origem como lusa, é como se ele quisesse buscar afirmar-se como parte de uma continuidade genealógica dos desbravadores portugueses. Pensando na continuidade genealógica, tenta-se traçar um paralelo ao que, Joël Candau (2011, p. 142), diz ser a memória geracional, ou seja, “é a consciência de pertencer a uma cadeia de gerações sucessivas das quais o grupo ou o indivíduo se sente mais ou menos herdeiro. É a consciência de sermos os continuadores de nossos

predecessores” Ao buscar as origens de seus antepassados, Velasco realiza este movimento de (auto)identificação com seus antepassados.

Diz ainda, em relação aos seus congêneres que, “eram gente militar que ia para Índia depois dos Descobrimentos, e tinha que construir fortalezas e defendê-las, ajudando a Índia a defender-se dos piratas.” Velasco faz crer que descende de portugueses, provavelmente militares que, como muitos lusitanos, lançaram-se ao mar, em prol do mercantilismo ibérico. Essa busca por suas raízes, associada a ideia do desbravamento, do pioneirismo e da bravura, são elementos da memória previamente escolhidos a fim de que possam ser reconhecidos pelo outro dessa forma superlativa. (CANDAUI, *op. cit.*, p.97).

Com a expansão europeia do século XV, Portugal, em sua busca pelo comércio das famosas especiarias do Oriente, fez com que, em 1498, Vasco da Gama aportasse em Calicute, costa sudoeste da Índia. Mas, foi em 1510, com Afonso de Albuquerque, que de fato se estabeleceu a conquista da Índia em Goa. No decorrer do século XVI, deu-se um processo de anexação de vasto território indiano e as construções de fortalezas tornaram-se uma prática comum às possessões portuguesas. Albuquerque, como vice-rei de Goa (1509–1515), dedicou-se à construção de diversas fortificações em pontos estratégicos do território conquistado, combatendo, sobretudo, a ocupação muçulmana, em Goa. (AVELAR, 2012, p. 21). No entanto, mais que um empreendimento militar, a ocupação portuguesa nas Índias foi também uma luta contra o mundo islâmico, pela evangelização dos chamados “infiéis” no novo mundo. O combate ao islamismo tornou-se parte integrante dessa empreitada marítima portuguesa, ou seja, na dominação lusitana da Ásia Ocidental, o “islã era o inimigo a ser combatido onde quer que se manifestasse”, sendo preciso para combatê-lo, uma empreitada primordial dos portugueses e da Igreja católica para conquista da Ásia (PANIKKAR, 1977, p. 36).

As fortificações ao redor das cidades ajudariam a controlar e combater a entrada dos indesejáveis infiéis, além de obter a garantia de um assegurado ponto de comercialização. O embate contra o islamismo, em seu sistema de sheicados e sultanatos, por meio da catequização, também era prática dos soldados portugueses que lutavam nos domínios lusitanos (AVELAR, *op. cit.*, p.

27-28). Essa tarefa tornou-se uma missão de diversos soldados, que de Lisboa rumavam para as novas terras do Oriente, pois era uma das formas de garantir à coroa portuguesa o controle do comércio indiano. O soldado servia ao rei até sua morte ou então era liberado, caso desejasse, quando de seu casamento. Se assim fosse, este passava a denominar-se “Casados” e recebia terras e possessões da coroa, uma vez que, além de assegurar proteção do território, a migração lusitana para o além-mar, tinha a função de povoar e espalhar o sangue lusíada (BOXER, 1977, p.332-334).

Segundo Avelar, milhares de portugueses desembarcaram nos portos de Goa, sob o serviço da coroa lusa e a fim de povoar aquele território. Uma gama de migrantes que ansiavam por buscas de riquezas, já que a nova colônia conquistada por Portugal nas Índias recebia a alcunha de “Goa Dourada” por ser um importante ponto de trocas comerciais sob domínio lusitano¹³. Torna relevante lembrar que Goa era um estratégico ponto de controle das operações mercantis, especialmente das especiarias do Oriente, um centro de poder dos portugueses nas Índias. O autor salienta ainda que, “Fosse como fosse, durante o século XVI, Goa foi a mais importante colônia portuguesa, tanto em termos políticos, como em termos religiosos e comerciais”, assim era como os portugueses a imaginavam, uma república de Lisboa, a capital do império lusitano no Oriente (AVELAR, *op. cit.*, p.19).

Não sabemos ao certo se há de fato algum tipo de ligação consanguínea entre os dois sujeitos, entre o Franco Bélico de Velasco do século XVI e o do século XXI, no caso aqui, o Velasco. Não se pode precisar quanto a isso apenas por uma busca em sites na internet. É claro que sobrenomes comuns não de existir, sobretudo sendo eles prováveis compatriotas. Há a possibilidade de que seu antepassado tenha originado-se mesmo de uma dessas fortalezas, como Velasco diz “a minha família descende destes pioneiros”. Portanto, esse desbravador, Bélico de Velasco, talvez possa ter permanecido nas Índias e

¹³ Importante lembrar que a União Ibérica (1580 – 1640) deixou Portugal ficou, durante seis décadas, sob o comendo do reinado espanhol e durante este período. Segundo Bouza Álvares, as discussões sobre a transferência da sede do reinado de Espanha para Lisboa corria em torno da questão comercial, pois se somasse ao cais lisboeta, onde desembarcavam os produtos indianos, o comércio espanhol, ao capital lusitana seria “converte-se-ia no centro nevrálgico do comércio mundial”, tamanha foi a importância indiana para a economia mercantil portuguesa (ÁLVAREZ, 1994, p.83-84).

desempenhado seus serviços militares, onde se casara e constituíra família em novas terras lusitanas, com grande sonho e possibilidades reais de riquezas. Porém, é relevante assinalar o que Ecléa Bosi afirma a respeito da constituição da memória, “(...) muitas de nossas lembranças, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o passar do tempo elas passam a ter uma história dentro da gente” (BOSI, 1994, p.407). Desta forma, não é possível, de fato, ratificar a relação de consanguinidade entre os dois sujeitos.

Apesar de em seu depoimento não ter ficado claro quando, ao certo, seus pais se mudaram para Moçambique, o que se pode afirmar é que Cláudio César Franco Bélico de Velasco, seu pai, foi funcionário da secretaria dos Caminhos de Ferro de Moçambique. Naquele tempo, nos anos iniciais do século XX, todos os funcionários públicos, e de algumas empresas privadas, eram agraciados com um período de dispensa, chamada de “Licença Graciosa”. Ou seja, um afastamento remunerado das funções de trabalho, fornecido pelo Governo de Moçambique, além de passagem de ida e volta aos funcionários e demais membros da família caso fossem viajar. Os trabalhadores nas colônias, quando entravam em férias retornavam aos seus lugares de origem, no caso, os portugueses que tinham família e amigos em Portugal rumavam para lá a fim de visitá-los. Porém, muitos migrantes portugueses não desejavam retornar permanentemente aos seus locais de origem, estabelecendo-se nas colônias definitivamente (TEIXEIRA, 1969, p.149-150).

Em um trecho de *Terra Morta*, obra de Castro Soromenho (2001), há o relato do regresso da personagem Valadas, em uma de suas férias, de Angola à Portugal. Por meio do livro, podemos observar que esse regresso era, muitas vezes, questionado pelos próprios viajantes. Os familiares e amigos esperavam ansiosos que os parentes visitantes trouxessem riquezas a fim distribuí-las, já que nas novas colônias europeias eram lugar de enriquecer-se facilmente. Esperava-se dos regressados que trouxessem riquezas, visto que as colônias eram lugar de prosperidade aos ouvidos dos portugueses que ficavam na metrópole. Valadas, ao ser questionado sobre sua preferência entre a colônia ou o voltar à metrópole, não titubeia ao retrucar e defender sua preferência pela colônia:

A família só serve para nos encravar a vida. Olha, quando cheguei à minha aldeia [em Portugal], (...) não houve um só que não me pedisse dinheiro emprestado ou não me propusesse sociedade numa quantia de negócios. A minha gente só queria ver o que eu trazia nas malas. E quando souberam que eu não era rico, até bufaram de raiva! (SOROMENHO, 2001, p.20).

O fato é que com a “Licença Graciosa”, alguns achavam por bem acumulá-las e desfrutar de maior tempo em suas férias, podendo deslocar-se a qualquer espaço de possessão portuguesa. Velasco, em seu depoimento, conta que, “os portugueses que gozavam de licença vinham para cá (Portugal) e ficavam seis meses ou um ano por cá (em Lisboa)” (VELASCO, 2013, p.04). Seu pai viajava, com toda família para visitar parentes e amigos em Goa, onde ele e a esposa haviam nascido e se criado, então, foi em uma dessas viagens que Velasco nasceu.

Maria Luísa Francisca Lopes Pereira de Velasco ou “Lisoca”, como Velasco a chama, lhe confessara que quando estava no período de gestação tratou com desprazer a ideia de ter outro filho, pois já contava com cinco crianças para criar. Segundo recorda o depoente,

(...) minha Mãe, que já tinha quatro raparigas e um rapaz, cinco filhos, e eu seria o sexto, fartou-se de dar saltos a ver se livrava de mim. Foi ela própria quem me contou mais tarde... que dera uns saltinhos! Foi impossível livrar-se de mim, apesar de ter saltitado, pois agarrei-me com unhas e dentes. (VELASCO, *Idem.*)

A família, então, ao regressar de Goa, trouxe o rebento nos braços da mãe com um ano de idade. Francisco Velasco constrói-se discursivamente como um sujeito perseverante, com certa tenacidade pela vida, ao dizer ter-se agarrado com “unhas e dentes” a fim de sobreviver em detrimento à tentativa do aborto. Essa forma de constituir-se dá sentido à sua existência, pois talvez essa memória tenha o influenciado posteriormente a superar alguns obstáculos que serão ainda tratados no decorrer deste capítulo.

De acordo com Velasco, Lisoca recebera uma educação católica na Índia e, por conta dessa mesma educação, pode ter-lhe caído nos ombros o peso do remorso, pois Velasco faz acreditar que:

A minha Mãe era muito católica (...) e quando nasci, acho que ela, cheia de remorsos, foi à igreja de São Francisco Xavier, que é o santo Padroeiro do Oriente que ainda hoje é conhecido e venerado na própria Índia, prostrou-se junto do túmulo desse Santo e deu-me o nome de Francisco Xavier. (VELASCO, *Ibidem*, p.05).

Ou seja, possivelmente, a religiosidade somada à tentativa de interrupção da gravidez acarretou um sentimento de culpa, fazendo com que, ao nascer, a criança fosse agraciada com o nome do santo padroeiro da Índia. Cabe aqui então fazer um parêntese, para conhecermos aquele que empresta seu nome à Velasco, o santo Francisco Xavier.

Juntamente com Inácio de Loyola e sob sua liderança, Xavier, foi um dos membros fundadores da Companhia de Jesus em 1534 e foi o primeiro Jesuíta a profetizar em terras do Oriente. Loyola, após uma peregrinação por lugares santos na Itália, encontrou-se com alguns companheiros de estudo e decidiu por formar um grupo de iniciados nos exercícios espirituais, que, mais tarde, viria a ser a Companhia de Jesus. Inicialmente, setes jovens reuniram-se e se dedicaram à vida religiosa, fazendo votos de pobreza e castidade, e à conversão dos infiéis, sobretudo os muçulmanos de Jerusalém (TAVARES, 2007, p.121-134).

Dom João III, então rei de Portugal, convida Loyola para levar o evangelho às conquistas lusitanas do além-mar e, em 1541, Francisco Xavier embarca rumo ao Oriente, aonde chegou em 1542, fundando, assim, a Companhia de Jesus no Oriente. Xavier nasceu na Espanha no ano de 1506, de família aristocrata, formou-se em filosofia pela Universidade de Paris. Viveu dez anos no Oriente e, segundo Tavares, realizou cerca de trinta mil batismos, vindo a falecer rumo ao caminho da China em 1552, tornando-se, assim, santo padroeiro do Oriente. (Idem, p. 127).

Diante do fato que Velasco nos relata, no qual sua mãe, tomada por um sentimento de culpabilidade, acredita se redimir ofertando ao filho o mesmo

nome daquele que foi o primeiro representante da Companhia de Jesus a se estabelecer em terras indianas, onde é tido até hoje como santo. Podemos perceber a importância que tomou este jesuíta de nacionalidade espanhola, que ajudou a fundar uma ordem religiosa da Companhia de Jesus e rumou para profetizar às possessões portuguesas no Oriente. Escusado lembrar que o cristianismo, aliado às forças militares, foi de fundamental importância para que a coroa portuguesa pudesse estabelecer o domínio não só em Goa ou no Oriente, como também ao longo da Costa Oriental da África.

I.II – Infância e Educação em Moçambique, nas memórias de Francisco Velasco

Em Moçambique, a Companhia de Jesus auxiliou a propagação do controle português por meio da evangelização e do processo educacional. Cabia a eles levar a palavra de Deus e a educação aos “incivilizados”. Lá ela havia se estabelecido desde o ano de 1560, quando o jesuíta D. Gonçalo da Silveira resolveu deixar a Índia e rumar para África Oriental. O que possibilitou a vinda de Silveira à Moçambique foi a sua separação da Índia, pelo decreto de 19 de abril de 1552. A partir de então, a Companhia de Jesus em Moçambique passou a ter sua administração vinda diretamente de Lisboa e não mais de Goa¹⁴. Portanto, entre idas e vindas, com o Estado Novo português, a educação do povo moçambicano estava sob a tutela da Companhia de Jesus.

Em 1930 há um aumento gradativo dos números de missões religiosas católicas que iam atender à população negra moçambicana e, neste mesmo ano, o ensino passou a ser obrigatório. Não foi possível precisar, nem por meio do depoimento de Velasco e nem em seu *website*, em qual sistema educacional ele estudou, se “Rudimentar” ou “Elementar”¹⁵. Havia em

¹⁴Moçambique: Documentário trimestral. PORTUGAL. Colónia de Moçambique, 70, 1952, p.133. Memórias de África e do Oriente

¹⁵A partir do ano de 1930, o sistema educacional, por determinação do governo português, para por mudanças estruturais. Com a finalidade de preparar os negros moçambicanos para o mercado de trabalho, o sistema de ensino naquela colônia é, então, separado em Sistema “Elementar” e “Rudimentar” de ensino e as línguas nacionais moçambicanas são proibidas, exceto quando são usadas como recurso para o ensino da religião. Para maior esclarecimento ver: SILVA, Gabriela. **Educação e Género em Moçambique**. Porto: CAUP, 2007. Em <<<http://www.africanos.eu/ceaup/>>>

Moçambique essa diferenciação entre os modelos de educação oferecidos, um atendia às crianças negras, o outro às crianças brancas.

Segundo Gabriela Silva (2007), havia o Ensino Primário Elementar (para brancos ou assimilados) e o Ensino Primário Rudimentar (destinados aos “indígenas”), este último sob a administração das missões jesuíticas em Moçambique. Nesse contexto, as missões religiosas haviam feito as pazes com o governo português e, então, se estabelecido novamente em terras moçambicanas desde o ano de 1940, após um acordo firmado entre Salazar e a Igreja católica.

Vale lembrar que, sob o comando do estadista Marquês de Pombal, as missões jesuíticas vão sofrer forte perseguição em toda possessão lusitana. No ano de 1773, o rei D. José I, em uma carta na qual autorizou a supressão da Companhia de Jesus de todo seu território, determinando, ainda, a prisão de alguns membros dessa ordem religiosa¹⁶, levando a extinção da Companhia no mesmo ano, pelo Papa Clemente XIV, que foi se restabelecer apenas em 1814, por decreto do Papa Pio VII.

Mas, em 1910, os inicianos sofreram mais uma perseguição, dessa vez pelo Partido Republicano que se instaurara no governo português em 5 de Outubro de 1910, expulsando novamente os religiosos, mandando alguns para o exílio e outros para o presídio. Porém, mais uma vez, os inicianos vão tentar se fixar em terras moçambicanas, contudo, além de pregar o evangelho, estavam incumbidos de levar a civilização aos povos moçambicanos. Aliado a toda atividade da Igreja católica, esse sistema de ensino procurou conjugar o projeto civilizador e a assimilação dos “indígenas”.

No ano de 1941, o Estado Novo, sob o comando de Oliveira Salazar, restituiu as Missões Religiosas em Moçambique. Com o intuito de uma efetiva ocupação das possessões portuguesas, Salazar acreditava que a aliança com os Jesuítas seria um forte instrumento de desenvolvimento civilizacional nas colônias (PEREIRA, 2000, p.81). Segundo Euzébio Pedro, os jesuítas em Moçambique estiveram presentes em todo o percurso histórico da colônia de Moçambique, após as pazes da Companhia de Jesus com o Estado Colonial

¹⁶<http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/>

português em 1941, o processo educacional ficou fortemente aliado aos jesuítas. (PEDRO, 2013, p.35).

As instituições religiosas não católicas de Moçambique, que lidavam com o aprendizado dos povos, foram, desde 1933, perdendo espaço para a Igreja Católica, sobretudo após um acordo firmado entre Salazar e Roma, como afirma Cruz e Silva,

No período pós 1940-1941, cresceu a discriminação das instituições religiosas não católicas, e as actividades das missões protestantes foram restringidas e reguladas, particularmente nas áreas da educação e do trabalho social. Em contrapartida, o espaço destinado às missões católicas sofreu um alargamento, que os privilégios concedidos pelo Estatuto missionário ajudaram a crescer (CRUZ E SILVA, 1998, p.398).

Portanto, assegurada pelas missões religiosas jesuíticas no que compete à educação dos povos de Moçambique, havia forte distinção entre negros e brancos nascidos na colônia. Em 1894 foi publicado, em Portugal, um decreto que distinguia o cidadão “indígena”, como sendo o indivíduo de raça negra ou que dela descendia que, por sua ilustração e costumes não se distinguia do comum daquela raça¹⁷. O estatuto do indigenato acabou por impor, aos povos nativos da colônia de Moçambique, um forçado enquadramento do padrão europeu dos costumes. Iniciava-se, então, um processo de assimilação da população “indígena”, no modelo civilizacional europeu, em especial à cultura portuguesa. (ZAMPARONI, 1998, p. 467-468). Dessa forma, em Moçambique, o projeto colonial civilizador não deu suporte educacional para os filhos de camponeses que lavravam nas machambas¹⁸.

Não obstante, Velasco, enquanto depoente, vai defender que em seu espaço escolar primário haviam negros ou “não brancos”, como ele mesmo disse, “estávamos cercados por um mar de negritude, a caminhar para a escola, todos com o mesmo sonho, mas sem reparar que os negros iam ficando pelo caminho... anomalia essa de que só me apercebi anos depois”

¹⁷Boletim Geral das Colónias. Vol. XXV - 288, 1949, pg 60. Memória de África e do Oriente.

¹⁸Em Moçambique, as machambas são terrenos agrícolas para cultivo.

(VELASCO, 2013, p.01). Ou seja, é bem provável que muitos de seus colegas brancos também não se davam por conta desse distanciamento, pois os brancos por estarem em uma posição de privilégio educacional abraçariam as melhores posições no mercado de trabalho.

O Estado Novo, governado por Salazar, tinha como proposição um sistema educacional que permitia incluir o “indígena”. para fornecer uma mão-de-obra barata com um pouco mais de preparo ao mercado de trabalho, subsídio para a economia colonial moçambicana (SILVA, *op. cit.*, p.54). Segundo Silva, o ensino deficitário da escola primária, destinado aos “indígenas” em Moçambique (Rudimentar), distinguia-se das escolas destinadas aos brancos e assimilados (Elementar) e deixava de fora dos liceus o negro moçambicano,

O sistema elementar de ensino em Moçambique acompanhou a expansão do sistema de ensino em Portugal, privilegiando sobretudo os filhos da crescente população branca. Entretanto, o sistema de exames de admissão aos liceus continuava a afastar os negros (*Idem*, p.56).

Quanto a isto, Velasco vai complementar dizendo que:

No meu tempo, quando frequentei a Escola Primária, alguns (negros) ainda resistiram um par de anos, mas depois, no Liceu... ao Liceu não chegou um se quer! (...) ao Liceu não chegou um se quer! Eu achava isso estranho, indianos apareciam, apareciam os chineses, mas os pretos não chegavam lá. Os indígenas não alcançavam esse patamar! (VELASCO, 2013, p.1).

Silva adverte ainda que, em Moçambique, o Estado Colonial português não dispensou muita ou quase nenhuma atenção ao processo educacional do negro, optando por apropriar-se da exploração da mão de obra barata da população negra, forma esta de dominação e exploração dos povos moçambicanos. Do relatório trimestral de 1948, da colônia de Moçambique lê-se:

Um outro aspecto do problema do ensino diz respeito à instrução do nativo. Ele está entregue, na sua maior parte, ao cuidado de professores indígenas que, sejamos realistas, nunca poderão com a sua fraquíssima preparação pedagógica valorizar homens mentalmente aptos a ser os auxiliares directos, honestos e conscientes do branco (PORTUGAL. Colónia de Moçambique, 1948, p.87).

Como podemos perceber, o sistema de ensino em Moçambique atendia a duas classes distintas, a dos negros assimilados, ou não e a dos brancos, mas também atendia aos descendentes de indianos, gregos, chineses, sírio-libaneses, ou seja, a uma sociedade binária, euro-africanos, euroasiáticos, euro-indianos e com esses últimos Velasco dividiu seu ambiente escolar. Havia ainda um tratamento com certo menosprezo em relação aos professores nativos, por parte de uma parcela privilegiada da população. Esses tutores nativos eram formados pelas Escolas de Habilitação de Professores e, posteriormente, eram encarregados de educar os negros nas missões jesuíticas. A supremacia na educação ficaria destinada, então, às crianças brancas e o espaço de grande primor seriam os liceus.

O Liceu Salazar era considerado uma instituição de ensino excelente, onde diversas opções de cursos extracurriculares eram oferecidas aos alunos¹⁹. De instalação soberana, o Liceu foi inaugurado no dia 1 de outubro de 1952, em Lourenço Marques. Como podemos depreender pelo Boletim Geral do Ultramar, esse foi um empreendimento majestoso, formado por,

Vasto edifício de estilo moderno, em cujos materiais de construção predominaram o vidro e o mármore. Do corpo central, dois grandes pavilhões avançavam para a rua, ladeando um espaçoso terreno ajardinado, em cujo centro fica[va] a estátua de Salazar (PORTUGAL. Agência Geral do Ultramar, 1952, p.150).

Velasco complementa, dizendo que: “claro, aquilo era uma terra para a ‘malta branca’! Era o que sucedia!”. Ademais, afirma que as crianças negras

¹⁹ Para mais detalhes sobre a edificação e suas particularidades do Liceu Salazar, ver uma relação em <https://delagoabay.wordpress.com>, pode-se encontrar nomes de alunos, professores e conferir a dimensão da obra dedicado ao ensino no liceu em Moçambique.

não chegavam ao Liceu “não é que proibissem, é que os negros não tinham condições econômicas”. Portanto, além da entrada no liceu ser baseada numa distinção da população por raça/cor, também havia o fator financeiro que repelia os negros daquele espaço educacional (VELASCO, 2013, p.1). Porém, se o ensino era público e gratuito, como havia a necessidade econômica para se estudar em tal instituição? Provavelmente, como o Liceu ficava um tanto afastado do centro, muitos alunos que lá estudavam se hospedavam em pousadas ou em casas de famílias que estavam dispostas a abrigar esses alunos. José Luís Cabaço, um antropólogo moçambicano que também fez seus estudos no liceu, conta que um dia, a família com a qual se hospedava lhe impôs um castigo, porque ao dar “carona”, em sua bicicleta ao colega negro, alguém os viu e de imediato telefonou relatando o “delito” de Cabaço que, ao chegar em casa, foi imediatamente reprimido (CABAÇO, 2009, p.49).

Diferentemente de Cabaço, Velasco faz acreditar, por meio da escrita de si, que sua infância foi rodeada de crianças negras, relatando ainda, em seu depoimento que, “eu não via diferença, brincava com os africanos, dando e levando porradaria também. Comia farinha de mandioca, alimento que as ‘mamas’ faziam e quando eles vinham à minha casa também tinham para comer” (VELASCO, 2013, p.01). No entanto, diversões à parte, cada criança seguia uma direção diferente, com suas vidas totalmente antagônicas, ou seja, não comungavam dos mesmos lugares de pertencimento. Velasco afirma que brincava com as crianças negras mesmo recebendo dos adultos o cuidado à uma visão pejorativa para com os negros moçambicanos. Segundo conta, ainda, como as crianças não tinham distinção de cor, “com o andar do tempo, absorviam coisas, que ouviam os adultos dizer... “preto mamparra” (burro), e outras assim do gênero!” (VELASCO, *Ibidem*).

Não pretende-se aqui fazer crer que Velasco pudesse ser uma pessoa “à frente de seu tempo”, visto que essa assertiva merece total desconfiança, pois todo sujeito é fruto de seu próprio tempo. Assim, Velasco não estaria isento de uma visão colonial que era comum a seu grupo social naquele período, e que considerava os negros como subalternos frente ao colonizador europeu. Lembrando que “o ser humano existe somente dentro de uma rede de relações”, não há como não adquirir as práticas e pensamentos que um

determinado grupo traz consigo, apresentando comportamentos “parecidos” (BORGES, 2010, p.222-223).

A discriminação entre negros, brancos e indígenas estava envolta na atmosfera moçambicana, muito embora Gilberto Freyre tenha tentado subtrair do povo lusitano e branco de Moçambique a responsabilidade por essa discriminação, dizendo que: “Moçambique vem sendo afetada quer pelo cru racismo do malandrismo sul-africano quer pelo inglês suave nas suas expressões, porém racismo igual ao outro”. (FREYRE, 2001, p.442). Talvez possa ser que em um contexto, um grupo social, uma “influência” externa - como os ingleses na visão de Freyre - molde as formas de cosmovisão. No entanto, assim como Gilberto Velho, penso que “a transformação do homem se dá ao longo do tempo e contextualmente” (VELHO apud SCHMIDT, 2012, p.193).

O fato é que, mesmo dizendo que cresceu envolto de crianças negras, não foi possível localizar algumas situações em que o depoente estivesse participando com essas crianças. Velasco se constrói como uma criança imperativa, que gostava de brincar na rua, pois em seu relato diz que sua mãe, Lisoca, tinha muito trabalho em casa,

porque tinha de cuidar das filhas, daquele ramalhete de raparigas tão bonitas. (...) com um grupo desses em casa, sempre que uma irmã tinha um problema, minha mãe ficava preocupada, libertando-me, e eu sempre escapava para a rua! (VELASCO, 2013, p.5).

O fato de Velasco ser o filho caçula e, ademais, ser um menino, portanto do sexo masculino, tornou-se um facilitador para essas escapadas para a rua. No sítio eletrônico, “BigSlam.com” Velasco, em seu depoimento, diz que deu uma entrevista, “Escrevi uns apontamentos sobre a minha vida de garoto, fotografias da minha família, minhas irmãs (VELASCO, 2013, p.03). Nesse *website*, pode-se ver algumas fotografia de Velasco quando criança, mas trago aqui uma em que aparece Francisco Velasco ao lado de sua irmã Gloria.



“Os Koch” Velasco quando criança ao lado de sua irmã em Lourenço Marques. Fonte: www.bigslam.com

Aqui encontram-se Velasco ao centro, descamisado, ao lado de Gloria sua irmã mais nova, juntamente com seus vizinhos Júlio e Teresa Koch, com quem brincava às tardes. Velasco sugere que eram crianças cujos pais detinham certa estabilidade financeira, deduzindo pelo número de brinquedos e de jogos que levavam às brincadeiras, além do mais, a família vizinha tinha até criados que serviam às crianças em bandejas, muito provável que esses empregados fossem negros e que eram os filhos desses funcionários as crianças negras que Velasco diz que brincava em sua infância. Pela vestimenta, ou a falta dela, é capaz deduzir que Velasco e a irmã, nesse cenário, eram menos favorecidos financeiramente²⁰. Há na fotografia outra pessoa, ao fundo, talvez pelo fato da falta de nitidez ela não foi mencionada por Velasco, mas pode-se supor que se trata de Dona Rosa, a mãe dos meninos Koch.

²⁰Em entrevista ao *website* “BigSlam” Velasco defende que “Gente de posses, calculo, tal o número de brinquedos e de jogos que traziam cá para fora, isto não contando com as merendas que um criado nos servia numa bandeja, a mando de inesquecível D. Rosa, a simpática patroa”.Entrevista publicada em 02 de novembro de 2012 ao www.bigslam.pt.

Porém, algumas dessas travessuras estão também relatadas em seu *website*, pois, como pode-se conferir uma historieta intitulada, “Os hoquistas ma’ Fantasmas”, postada em 25 de março de 2013, o autor revela um pouco de suas traquinagens de infância. Porém, nem mesmo aqui, fica claro a participação de crianças negras nesse grupo, ou como Velasco denomina “malta”. É bastante provável que a esta altura já tivesse absorvido os valores colonialistas de alguns adultos, aqueles mesmos que adjetivavam os negros de “preto mamparra”, aqui já citado. O fato que é que o depoente tenta fazer acreditar que quando criança gozou de certa liberdade na rua, a brincar e que ainda não era muito dedicado aos estudos.

Já no Liceu, Velasco lembra as estratégias que usava para alcançar as notas que necessitava para não reprovar de ano, pois segundo ele, ao depor, os professores estavam sempre a repetir as “lições” que eram dadas aos alunos. Ele conta que não era aplicado à prática de estudar, lembrando que suas irmãs estavam vez ou outra, a reclamar ao pai dos modos indisciplinados do irmão mais novo. Assim relata: “(...) as minhas queridas irmãs, e não eram poucas, reclamavam do meu pai que me pusesse na ordem, que não estudava e andava sempre a vadiar” (VELASCO, *op. cit.*, p.5). Porém, mesmo não sendo aplicado nos estudos tinha seu nome exposto no que ele chama de “Quadro de Honra”, que ficava no salão principal do Liceu. O depoente confessa que:

Não pegava nos livros. Simplesmente sucedia o seguinte: nas chamadas ao quadro e nos exames escritos e orais que eram feitos, as perguntas reflectiam os ensinamentos que os professores proferiram durante o ano e que repetiam durante décadas. Eles explicavam tudo da mesma maneira e quando faziam perguntas eram baseadas naquilo que falaram. Nas provas, eu sentava-me e repetia o que tinha ouvido, dada a boa memória que já possuía naquela época. (VELASCO, 2013, p.6).

Aos dez anos de idade, Velasco teve que interromper os estudos, isso quando terminou o ensino primário, pois, segundo conta, em Moçambique havia sido promulgado um decreto metropolitano que impedia as crianças com idade inferior a doze anos de frequentarem as escolas secundárias. Desse

modo, ficou ocioso apenas pelo período de um ano, ou como ele mesmo disse: “completamente marado!”, já que no ano seguinte, seu pai o matriculou em uma escola secundária particular em Lourenço Marques, onde deveria ficar até que atingisse a idade adequada para ingressar no liceu ou na Escola Técnica.

Portanto, Velasco aproveitou desse período “marado” e fez uma viagem à África do Sul, onde fora visitar uma irmã que há pouco havia se casado. Quando regressou, iniciou seus estudos na rede privada de ensino, para que não ficasse ocioso por mais um ano, até que pudesse ter a idade exigida para o ingresso no estudo secundário.

Não pude precisar qual a procedência e legalidade de tal decreto, pois em nossa conversa, Velasco considera o resultado de tal decreto como uma das contradições do processo colonial português, segundo conta em seu depoimento, que seriam em momentos como esses que se: “(...) mostram as contradições dessas situações coloniais e o decreto deixou de fora muitos mais alunos, tivemos um ano de ócio”. Talvez se refira ao projeto colonial de educação e, conseqüentemente, ao civilizacional. Se esta determinação para o relator tem um caráter de contradição, o que dizer daquelas tantas crianças negras que foram impelidas de forma peremptória, para fora dos cursos secundários dos liceus, sobretudo quando Portugal se dizia ter um projeto colonial civilizador e humanitário para os povos moçambicanos e no qual a escola era tida como meio de civilizar e difundir a ideologia salazarista?

I.III - A invenção do atleta nas narrativas de si

Em sua infância, Velasco juntamente com um grupo de colegas formaram um time de futebol que se intitulava os “Big Boys”. Em Moçambique, o futebol era uma prática desportiva em fase de popularização social²¹,

²¹ Em Portugal, segundo Francisco Pinheiro, a popularização do futebol teve como um de seus impulsionadores a imprensa, pois foi a partir do surgimento, nos iniciais de 1920, de uma imprensa desportiva que o futebol pode ser acompanhado de perto (PINHEIRO, 2009). No caso de Moçambique, Nuno Domingos sustenta que a além do importante papel da imprensa moçambicana, um pulular de Grupos desportivos em Moçambique nos anos de 1920, somados aos torneios realizados entre os sul-africanos e moçambicanos, também auxiliou para popularizar o futebol. Havia um movimento de exaltação da população para com alguns negros que, de certa forma, burlavam a logica colonial de exclusão aos negros moçambicanos que

sobretudo da periferia, como bem lembra Nuno Domingos(2012). Essa modalidade desportiva foi introduzida pelos britânicos e logo se tornou “aceita” pelos pobres e negros moçambicanos. (DOMINGOS, 2012, p.119). O futebol foi introduzido por auxílio de força do agente migratório de trabalhadores moçambicanos que rumavam para África do Sul e Rodésia, mas também ele foi um instrumento que visava a educação, a disciplina e a integração comunitária. Sua popularização pode estar atrelada a um movimento pan-africano, pois os moçambicanos, nos anos iniciais do século XX, realizavam torneios com equipes da região do Transval, na África do Sul e isso foi difundindo o gosto pela modalidade à população moçambicana. (DOMINGOS, 2006, 401- 403).

Velasco, quando criança jogava futebol, na categoria chamada juniores e juntamente com mais alguns amigos formaram a equipe d’Os Big Boys. Mas também praticou outras modalidades de desporto, como ele próprio comentou em seu depoimento: “voleibol, basquetebol e, como era alto, jogava pela selecção do liceu. (...) Éramos muito de praticar desporto” (VELASCO, 2013, p.07). O liceu proporcionava isto, era um ambiente dedicado à pratica do desporto, pois havia até torneios entre professores e alunos.

esta sendo aplicada nos campos de futebol, dividindo, então, o mesmo espaço futebolístico. (DOMINGOS, 2006).



Os "Big Boys", time de futebol de Velasco. Fonte: <http://www.francisco-velasco.com/>

Na imagem acima, podemos conferir o grupo futebolístico que compunha o "Big Boys". Velasco é o segundo agachado, da esquerda para direita, segurando o joelho ao chão. Alberto Moreira, o goleiro, é a quinta criança, atrás do garoto sentado com a bola. A sexta criança em pé é Amadeu Bouçós. Mais tarde os três meninos estariam juntos, ao longo de alguns anos, defendendo os mesmos escudos desportivos e participariam de campeonatos de hóquei patinado, sobretudo pelo selecionado português. Na imagem vê-se claramente um afastamento de duas crianças do grupo, não se tem menção a isto. Com um entrelaçamento de braços, Bouçós, meio que se afasta, chegando a quase excluir da imagem outro estudante de ligeira aparência indiana.

Velasco conta que as primeiras "sticadas" foram na rua mesmo, com equipamentos rústicos, muitas vezes improvisados. Em sua página na internet, ele lembra que:

O hóquei praticado na rua era de sapatilhas, com stiques (ou sticks se desejarem) de hóquei em campo e bolas de ténis perfuradas e 'injetadas' com areia e dois pares de pedregulhos a servir de balizas. Poucos carros passavam por ali e os jogos eram entusiasticamente

disputados, transformando-se em grandes palhaçadas, sem vencedores definidos (...). (VELASCO, 2010).

Porém, o que o levou à definitiva escolha pelo hóquei em patins em detrimento do futebol, segundo enumera, foram dois fatos que podemos conferir por meio de seu relato. Velasco praticava futebol no Sporting Lourenço Marques e lá jogou, curiosamente, com aquele que veio a ser um dos maiores ídolos moçambicanos do futebol português, depois do Eusébio, Mário Coluna. Com satisfação, Velasco diz: “(...) joguei com o Coluna²², não se ouviu a falar do Coluna, ele foi uma figura incrível no futebol português, no Benfica”. Durante um treino, Velasco, que tinha crises de enxaqueca, relata que: “(...) como era o último treino e ia começar o campeonato, eu fiz um esforço e fui até lá. Já andava meio assim, com dor de cabeça, mas comecei a treinar. De repente veio uma bola e eu fui cabecear, acordei no vestiário”.

O outro motivo que o fez trocar o futebol pelo hóquei foi seu encanto com a visita da seleção portuguesa à Moçambique, quando em 1949, inaugurou-se o primeiro ringue do Clube Desportivo de Lourenço Marques com um torneio de basquete e hóquei em patins. A Seleção Nacional Portuguesa havia alcançado o bicampeonato de hóquei em patins neste mesmo ano e, então, foi convidada para ir à Moçambique, a fim de participar deste torneio para inauguração do novo ringue. Nem todos os integrantes da equipe puderam participar, mas Velasco, com entusiasmo, lembra que estavam presentes os “primos Coreia, Emídio Pinto, Jesus Correia, Vasco Velez”, este último, na época, era o ídolo da juventude que aspirava à carreira desportiva. Velasco relata ainda que,

Fazia parte daquilo que chamavam de ‘Os cinco violinos de desporto’. Fizeram uma festa lá em baixo, em Moçambique com a malta, e então o Clube Desportivo tinha acabado de construir o primeiro ringue e convidou os campeões para inaugurar (...). (VELASCO, 2013, p.16).

²²Mario Coluna nasceu em Maputo no ano de 1935, se mudou para Lisboa a fim de jogar no Sport Lisboa e Benfica, com 19 anos, se tornou capitão pelo selecionado de Portugal em 1966. Em Moçambique Coluna praticou boxe, basquetebol e atletismo, tornou-se recordista moçambicano de salto em altura. Mas a verdadeira paixão era o futebol e foi no “desporto-rei” que se tornou num dos maiores ídolos do desporto português. Coluna faleceu em fevereiro do ano corrente com 78 anos de idade. Fonte: <http://pt.fifa.com/index.html>.

O jornal *Guardian*, de Lourenço Marques, no mês de janeiro, se ocupou da cobertura do evento, pois no suplemento “Desporto” é noticiado o ocorrido nos torneios, tanto de basquetebol como do “hóquei em patins”.²³

A partir daí, Francisco Velasco dedica-se de vez à prática do hóquei em patins dizendo que o ringue da Associação dos Empregados do Comércio e da Indústria (SNECI)²⁴ passou a dominar os seus tempos de lazer. Porém, nessa época, já havia alguns clubes desportivos e a prática do hóquei era de forte entusiasmo tanto para a juventude (juniores) quanto para os adultos (sêniores) ou a “velha guarda”. Segundo seu depoimento,

Nossa cidade de Lourenço Marques (LM), onde, num círculo de 1,5 km de raio, existiam 12 campos de hóquei” e “grande quantidade de equipamentos desportivos de qualidade, dispersos por todos os bairros. Aqui em Lisboa só havia dois sendo um coberto, o do Parque Eduardo VII. Em Coimbra, só havia um ringue, ao ar livre, pertencente à Câmara Municipal, (onde o clube local, a Académica de Coimbra, recebia os adversários). (VELASCO, 2013, p. 7).

O primeiro ringue de hóquei em patins de Moçambique surgiu em 1912, com os irmãos italianos Buccellato²⁵, no antigo teatro Varietá, onde atualmente funciona um cinema. Giuseppe Buffa Buccellato, segundo Maria Helena Bramão, foi “um grande atleta”,

(...) possuindo várias medalhas ganhas no Desporto. Foi um praticante de Ginástica aplicada; fez Natação, Futebol, Esgrima e hóquei em Patins, tendo sido Capitão da primeira equipa de Hóquei Patinado que existiu em Lourenço Marques (BRAMÃO, 1958, p.122).

²³ Jornal O Guardian janeiro de 1949 - Arquivo Histórico Ultramarino

²⁴No SNECI (Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio e da Indústria), criado em 1940, lugar antes chamado de Associação dos Empregados do Comércio e da Indústria, em Lourenço Marques, podia-se praticar diversas modalidades desportivas, como voleibol, basquete, hóquei patinado, ténis de mesa, pebolim, ginástica, dentre outros.

²⁵Giuseppe Buffa Buccellato veio da Itália para fazer companhia ao irmão, Pietro Buffa Buccellato, que era arquiteto na região da Beira, sul de Moçambique. Ao fim dos trabalhos, os irmãos rumaram para Lourenço Marques e lá, Giuseppe tornou-se um grande industrial no ramo de construções civis, realizando importantes obras para o governo colonial de Moçambique. Praticando desporto, constrói o primeiro ringue de hóquei patinado em Moçambique e na companhia de ingleses forma a primeira equipe dessa modalidade em Lourenço Marques.

Assim como diversas práticas de desporto que se espalharam pelo mundo sob a tutela dos ingleses, que quando não ajudavam diretamente, ajudavam indiretamente na consolidação desses esportes, o hóquei em patins não foge dessa assertiva. Foi pelas mãos dos britânicos que essa modalidade se difundiu em Moçambique, bem como a iniciativa à formação dos primeiros Clubes associativos (DOMINGOS, 2012, p.69).

Em *Aventura e Rotina*, Gilberto Freyre (2001) aponta para as influências culturais que Moçambique recebia das vizinhanças com a Rodésia e com a África do Sul, e o desporto parece que não estava alheio a este movimento. Francisco Velasco, em uma de nossas conversas por correio eletrônico, defende que foram os trabalhadores Ingleses que, ao lançarem cabos submarinos ao redor do continente africano e como o hóquei era praticado no seu país e por onde passaram disseminaram a prática do hóquei.²⁶

Em seu *website*, o ex-atleta ao versar sobre a gênese do hóquei inglês, cita a obra de Roger Pout, *The early Years of English Roller Hockey*²⁷, dedicada a explicar a solidificação da prática do hóquei em patins como uma modalidade organizada. O livro discorre sobre um grupo de apreciadores que se reúne para elaborar um conjunto de regras para o hóquei, possibilitando, dessa forma, a fundação do desporto na Inglaterra. A partir daí, pôde ser praticado “pela primeira vez de forma organizada, em 1886 e estes entusiastas puderam ser considerados como os pioneiros da actual Associação Amadora de Rink Hockey, formada em 1904” (VELASCO, 2010).

Velasco faz um esforço de não depositar em seu *website* somente suas lembranças sobre o hóquei patinado moçambicano, mas também, como podemos conferir, tenta trazer no bojo uma história da modalidade. Usa subsídio fotográfico para ilustrar e apresentar os personagens que fizeram

²⁶Em e-mails trocados com Velasco foram levantadas algumas questões, antes mesmo da realização da entrevista. Aqui, exponho como parte integrante do trabalho o teor de nossas conversas, evitando citações diretas.

²⁷Referência extraída do *website* de Velasco no suplemento “Da Cartola”. Em um artigo intitulado “Subsídios para a história do Hóquei em Patins” seu autor tenta explicar a gênese da prática do hóquei patinado em Moçambique. Aqui encontra-se uma fotografia onde Velasco chamou de “Os primeiros hoquistas de Lourenço Marques”. Curiosamente, outro sítio eletrônico sobre desporto moçambicano <<<http://delagoabay.wordpress.com/>>>, porém, nem mesmo aqui pode-se identificar os personagens que compõem a imagem.

parte dessa iniciativa de introduzir uma modalidade desportiva que ele próprio adotou décadas mais tarde.

Como dito, em Lourenço Marques havia nos anos iniciais do século XX um pulular de clubes desportivos, fator de grande importância para o desenvolvimento das equipas desportivas de hóquei patinado. Porém, segundo o depoente, a modalidade sofreu uma estagnação e, com certa acidez, Velasco desabafou criticando os antigos dirigentes da federação de hóquei moçambicano. Diz que na época em que era jogador, cobrou da direcção mais atitude “perante a organização dos clubes desportivos, lembra que suas acções não passavam de: “manobras de bastidor, joguinhos com as Associações tudo para se manter no poder (...)”. Hoje lamenta os rumos que se fizeram tomar por parte da organização da modalidade desportiva:

Eu olho para eles e não vejo acções inteligentes em prol do Hóquei em Patins, quer dizer, projectos definitivos para promover e estimular a sua evolução, à semelhança do que se passa nas outras modalidades, e em especial no basquetebol americano, por exemplo. (VELASCO, 2013, p.3).

Compara a organização de hóquei em Moçambique com o nível que chegou a federação de basquete Norte Americana, ou seja, a formação da NBA, e pensa que para o hóquei poderia ter se tomado um caminho similar se a direcção de patinagem tivesse mais comprometimento com a modalidade. Velasco, ao depor diz que: “este tipo de dirigente vive para organizar torneios mediáticos, Campeonatos da Europa ou do Mundo... São bons nisso, fazem a festa, tem uns ‘orgasmos’ e ficam felizes” (VELASCO, *op. cit.*, p.4). O ex-atleta faz acreditar que não concordava com as atitudes e os “torneios midiáticos” organizados pela direcção de hóquei moçambicano, muito embora, tenha sido com a participação nesses torneios que ele e outros atletas se destacaram e alcançaram oportunidades de jogar pela metrópole portuguesa, obtendo, conseqüentemente, título de celebridade.

Foi rejeitando as conseqüências de ter se transformado em um ídolo, que, em julho do ano de 1961, Velasco rumou ao Timor Leste, na época, também domínio ultramarino lusitano. Os portugueses chegaram em Timor nas

décadas iniciais do século XVI, em busca das especiarias e dos óleos de sândalos que a ilha poderia oferecer à nobreza mercantil portuguesa. Assim como ocorreu nas Índias, a ilha de Timor recebeu ocupação lusitana que buscava por produtos comerciáveis. Portanto, esses territórios portugueses ultramarinos, como quis Salazar, abrigaram os lusitanos há longas datas e foi essa ligação colonial que facilitou a viagem de Velasco. Segundo conta em seu depoimento, sua viagem para o Timor foi uma fuga diante do incômodo, que passara a vivenciar em Moçambique: “Fui para Timor, foi para fugir a este assédio, por que a vida já não era minha, transformado que estava numa figura pública”.

Ainda, de acordo com seu depoimento, a população moçambicana parecia acompanhar o desempenho dos jogadores, tanto em África como em Europa. Velasco afirma:

Nós, quando chegávamos da Europa ou quando andávamos na rua, de carro na estrada, na calçada ou quando íamos ao cinema, éramos reconhecidos pela população que nos abordava e nos acarinhava com uns dedos de conversa... A cada metro percorrido na cidade as pessoas interpelavam-nos... “Velasco, vamos ganhar”... “quantos golos logo à noite”, etc... (VELASCO, 2013, p.2)

Observando, no *website* do ex-atleta, algumas fotografias que reporta à época em que foi destaque como desportista, pode-se ter a dimensão da assistência aos jogadores de hóquei patinado. No Aeroporto Internacional Mavalane, em Moçambique, quando do retorno dos atletas moçambicanos que se deslocavam para Europa a fim de disputar campeonatos hóquei, pode-se ver uma presença massiva da população. O apoio aos atletas parece ser figura constante quando disputavam pelo selecionado português, vê-se, moderadamente, a presença dos negros moçambicanos na recepção para aos hoquistas.

Em 1958, quando retornaram do XIII Campeonato do Mundo de hóquei em patins, ocorrido no Porto, em Portugal, a seleção nacional sagrou-se campeã, batendo o selecionado espanhol. No retorno à Moçambique, a

comissão colonial de hóquei foi recebida no Aeroporto pela população, em Lourenço Marques, Velasco descreve:

Sinto enorme dificuldade em descrever a entusiástica recepção que se verificou. À nossa espera estavam altas figuras do governo, dirigentes com as suas delegações desportivas alinhadas para nos saudar, o mar de gente que nos rodeou no aeroporto de Mavalane. (VELASCO, 2010).

Na foto a seguir pode-se observar a população em volta dos atletas moçambicanos que parecem até sentir dificuldade de seguir com carro que os levava.



Recepção aos jogadores no Aeroporto Internacional Mavalane, Moçambique. Fonte: francisco-velasco.com.

Observando a fotografia, podemos ver os atletas sobre o carro da comitiva desportiva. À frente, com o braço direito estendido, segurando a mão de uma pessoa, temos a figura de Velasco. Ao seu lado direito, de bigode, encontra-se Amadeu Bouçós, Alberto Moreira ao seu lado esquerdo e Vaz Guedes, o mais jovem dos quatro, logo atrás de Velasco, olhando para população que acenava para o bando vitorioso. Parecia mesmo ser motivos de festejos quando se findavam os campeonatos europeus. Na população que se apresenta podemos ver alguns militares, esparsamente alguns negros nesse “mar de gente”, em primeiro plano uma jovem supostamente chinesa, um

indiano que olha para a câmara e outros, que tentam a todo custo, aproximarem-se de seus ídolos.

A recepção aos jogadores por conta da população negra moçambicana ocorria, porém, dentro dos ringues de hóquei patinado não se observava sua presença. A este respeito, Velasco relata que: “Eles (os negros) não jogavam, mas gostavam de hóquei, pois estavam sempre presentes, sentados nas bancadas, a assistir aos nossos treinos e por vezes vinham aos jogos(…)” (VELASCO, 2013, p.9). Tanto em seu *website*, como em outros locais da internet, Velasco não se refere à presença ou “quase” presença dos negros moçambicanos dentro das quadras de hóquei em patins. Em uma de nossas conversas por e-mail, o ex-atleta recorda que houve sim um negro apenas que dividiu as quadras com Velasco, no SNECI. Não obstante, ninguém os impedia de praticar o hóquei, eles apenas não compareciam às quadras.

Segundo conta, os clubes desportivos não proibiam a entrada de negros e “indígenas” para a prática do desporto, eles apenas não compareciam. Mesmo estando na assistência aos jogadores, dentro das quadras sua presença era nula. Talvez a presença constrangedora e, de certa forma, ameaçadora dos brancos, impelia a participação dos negros nesse desporto genuinamente de brancos.

A prática desportiva que ficou reservada aos negros, foi o futebol, segundo Velasco, também por e-mail, os negros praticavam futebol, onde jogavam por toda a periferia da capital e Moçambique, dando, dessa forma, contribuições importantes à Metrópole portuguesa. Ademais, “qualquer terreno devoluto, pode com boa vontade, transformar-se num campo de futebol” (UNIVERSIDADE DE AVEIRO, 1997). Nuno Domingos lembra que essa prática desportiva teve forte incentivo, em Moçambique, para deslanchar, tanto de clubes sul-africanos como de brasileiros. A imprensa desportiva local se ocupou, em 1956, a organizar o primeiro campeonato de futebol de Moçambique, momento que esta prática estava tomando o gosto popular no Novo Mundo (DOMINGOS, 2012, p.78-80).

Na Índia, o críquete somado ao hóquei e ao futebol representava uma forma de disciplinar o corpo. Assim pensavam os missionários ingleses ao introduzir, em meados do século XIX, essas modalidades de desporto aos

colonizados dos povoados indianos. Por longo tempo, o críquete se tornou o esporte número um em atuação e preferência pelos indianos, sobretudo daqueles que viviam à margem dos grandes centros. Porém, na década de 1950, houve uma mudança no gosto popular e o futebol começou a ter espaço no cenário desportivo, consolidando seu domínio sobre o críquete, em meados da década de 1990 (DAL SIN, 2008). Assim como em Moçambique, na Índia, a prática do futebol ficou reservada à periferia.

Eusébio²⁸, considerado um dos melhores futebolistas do mundo e que ganhou notoriedade jogando pelo clube português, Benfica, nasceu na periferia de Moçambique, jogou pelo Sport de Lourenço Marques, aquele mesmo clube no qual Velasco iniciou como futebolista e atuou como treinador quando de seu regresso de Timor. Importante pontuar que Eusébio foi um atleta negro e pouco antes de falecer acusou seu antigo clube moçambicano de ser um clube racista. Em uma entrevista concedida a uma revista portuguesa, “Única” de 2011²⁹, o “Pantera negra”, como era chamado, desabafa dizendo: “(...) não gosto do Sporting. No meu bairro era um time da elite, da polícia e dos racistas” (EUSÉBIO, 2011, p.45). Talvez o antigo futebolista tenha dado essa declaração pouco antes de falecer sobre o *Sporting*, por este ser um clube formado por alunos do antigo liceu Salazar, ou Liceu 5 de Outubro, como foi chamado posteriormente. Ou simplesmente por ser, assim como seu pai e seu irmão, torcedor do Desportivo de Lourenço Marques que era ligado ao Benfica, grande rival do Sporting de Lourenço Marques.

Em um artigo em *Memórias de África* intitulado “Ausência total de discriminação racial nos campos do desporto” o jornalista português Marino Ferreira (1961) defende que não há qualquer forma de discriminação racial no ambiente desportivo lusitano, segundo conta,

Em perfeita igualdade com os mesmos direitos e os mesmos deveres, os jogadores de futebol, isto para só nos referirmos a uma modalidade, são integrados nos quadros independentemente de qualquer elemento à margem do desporto (FERREIRA, 1961, p.64).

²⁸Eusébio da Silva Ferreira nasceu em Lourenço Marques no ano de 1942. Em 1960 parte rumo a Portugal para fazer parte da equipe de futebol do Benfica, na cidade de Lisboa onde veio a falecer em 05 de janeiro de 2014.

²⁹REVISTA ÚNICA, 12.11.2011. Entrevista com Eusébio.

Finaliza, ainda, dizendo que na metrópole portuguesa os atletas moçambicanos são tratados da mesma forma, seja qual for sua cor, numa verdadeira demonstração da “indestrutível unidade nacional”. Essa era a ideia que se queria ter da “unidade nacional”, ou seja, uma nação sem diferenciação entre metropolitanos e colonizados, onde no Estado Novo português pregava-se a ideia “Portugal Maior” onde suas possessões eram sua extensão e muitos atletas foram vítimas dessa propaganda. Provavelmente, na metrópole portuguesa, os atletas de diversas modalidades desportivas provindos das colônias, alcançassem certo grau de “igualdade” junto aos atletas metropolitanos, afinal de contas, os desportistas das colônias estavam conquistando méritos, muitos com status de campeão, em nome da nação portuguesa. Como foi o caso dos hoquistas Francisco Velasco, Amadeu Bouçós, os futebolistas Eusébio e Mario Coluna, Hilário Rosário da Conceição ou o toureiro Ricardo Chibanga, primeiro negro a praticar tauromaquia em Lisboa e dentre muitos outros, negros e brancos que foram atraídos pela propaganda colonial portuguesa.

Somado a isto, os representantes do governo português teriam a chance de mostrar um projeto colonizador e civilizacional por meio do desporto às demais nações europeias que pressionavam para o fim do sistema colonial. Porém alguns atletas, como é o caso de Eusébio em entrevista supracitada, vão denunciar um racismo latente existente nas colônias.

Quanto a este descompasso das memórias de Velasco e Eusébio, Roger Chartier (2010) vai dizer que,

A história deve respeitar as exigências da memória, necessárias para curar as infinitas feridas, mas, ao mesmo tempo, ela deve reafirmar a especificidade do regime de conhecimento que lhe é próprio o qual supõe o exercício da crítica, a confrontação entre as razões dos atores e as circunstâncias constrangedoras que eles ignoram, assim como a produção de um saber possibilitada por operações controladas por uma comunidade científica. (CHARTIER, 2010, p.12)

Como dito, Velasco treinou uma equipe de hóquei, o *Sporting* de Lourenço Marques e refuta a ideia de racismo neste clube, denunciado por Eusébio cinquenta anos depois de deixar Moçambique e se estabelecer em Portugal, onde veio a falecer. Segundo o Velasco, na época em que treinou com Eusébio e Coluna, não presenciou nenhum tipo de expressão racista naquele clube desportivo. Longe de buscar o “monopólio das representações do passado”, evocando ainda Chartier (2010), torna importante destacar que o objetivo aqui não é classificar as memórias, tampouco, adjetivar nem Velasco nem Eusébio, o fato é que não havia nos ringues de hóquei a presença dos negros moçambicanos. Isso vai ser observado somente após o processo de independência de Moçambique, culminando com a volta de Velasco da África do Sul, no ano de 1978.

II – História de Moçambique e a tessitura da memória do Hóquei em Patins

II.1 – Independência moçambicana e o hóquei patinado

Durante o processo de independência moçambicana, antes da efervescência revolucionária que almejava a separação política entre Portugal e Moçambique, Velasco, após sua vinda de Timor, passou uma temporada em Johannesburg, África do Sul. Lá permaneceu entre os anos de 1965 a 1978, regressando à Lourenço Marques nesse mesmo ano. Dez anos antes da independência moçambicana, Velasco havia passado três anos em Timor, e por e-mail contou que para a população, os representantes do governo moçambicano incutiam a ideia de que os revolucionários, que lutavam pela independência de Moçambique estavam a serviço do governo da União Soviética.

Velasco supõe que um setor da população moçambicana não apoiava a libertação política de Portugal daquele país, ademais, desclassificavam-na por apresentar proximidades com o regime soviético. Quis fazer acreditar, também, que pôde compreender, dez anos antes, as angústias de um povo subjugado pelo regime colonialista lusitano recalcitrante em África, algo que, naquele momento, as outras pessoas não entendiam. Porém, como será possível observar, o ex-atleta tecerá críticas ao novo regime que se estabelecia em Moçambique ou na República Popular de Moçambique.

Moçambique com o auxílio da URSS, organizou um movimento independentista armado e, em 8 de setembro de 1974, propôs aos lusitanos à assinatura dos acordos de Lusaka. Esse documento dava à Moçambique autonomia temporária. Portugal, então, resolveu aceitar os acordos, de caráter temporário, de libertação proposta pela FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique, criada em 1962). Em 25 de julho de 1975 Moçambique alcançou a independência de Portugal, tendo como seu primeiro presidente Samora Machel, um dos líderes e formadores da FRELIMO (CHANAIWA, 2010, p.319-322). O auxílio soviético incutiu na população africana, sobretudo da elite, a

ideia de ilegitimidade e ilegalidade para com o movimento de libertação Moçambicana.

Pensando nisto, uma das primeiras questões que levantei à Velasco, ainda por meio de correspondência eletrônica, dizia respeito à participação dos jogadores moçambicanos de hóquei patinado junto ao movimento de independência daquele país - escusado lembrar que aquela modalidade desportiva era praticada por atletas brancos. Desejava-se saber qual o posicionamento desses jogadores mediante um processo político que mudaria fortemente os rumos daquela nação e do desporto como um todo. Digo isto porque o desporto em Moçambique, com as mudanças políticas ocorridas pelas lutas independentistas, iria sofrer uma forte subtração em quantidade e expressividade.

Velasco, por meio de sua carta eletrônica, de 30 de outubro de 2012, diz que houve de fato, mudanças na configuração das modalidades desportivas. Muitos brancos que não se identificavam mais com o novo regime político colocado em Moçambique rumaram para Portugal. “O desporto moçambicano, pré-independência era um”, diz ele, pós-independência foi outro, não conseguiu resistir, muito mais que “um par de anos”. Havia também um medo pelo desconhecido, os “actos de violência que resultaram de tentativas reacionárias de levar a cabo uma reviravolta” no poder gerou um pânico na população. Talvez, o medo do desconhecido tenha sido a mola propulsora para Velasco partir para Portugal.

Não foi possível precisar se Velasco tinha intenções de abandonar Moçambique, pois quando volta da África do Sul, tenta juntamente com seus companheiros hoquistas, Fernando Adrião e Alberto Costa, formar uma escola de patinação para crianças. Foram convidados em 1978, pela Secretaria de Estado para o Desporto, a elaborar uma Comissão Nacional de Hóquei em Patins de Moçambique. Talvez tentassem fazer sobreviver a prática desportiva do hóquei patinado. Adrião era selecionador da equipe moçambicana e, nesse mesmo ano, embarcou para Argentina, onde fora disputar um Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins de 1978³⁰. Ao regressar da América Latina, Adrião

³⁰Nesse ano a equipe moçambicana de hóquei patinado realizaria sua primeira incursão, depois da independência, para fora do país a fim de participar de um torneio internacional.

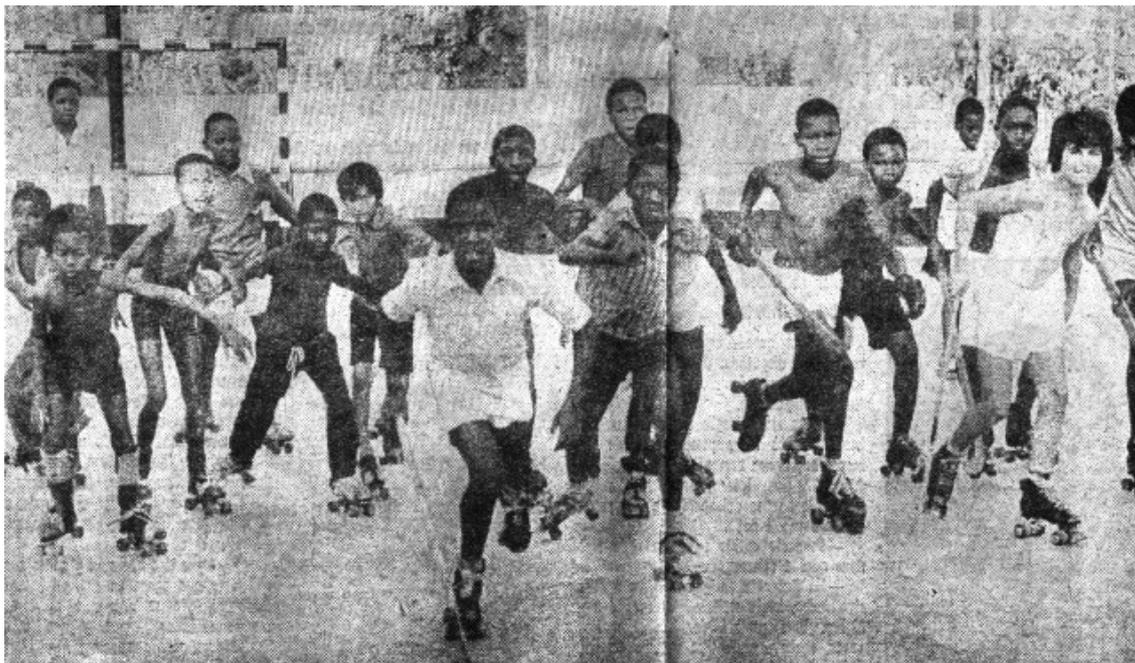
embarcou para Portugal, não retornando mais à Moçambique, vindo a falecer no ano de 2006 em Lisboa.

Diante dessa situação, Velasco, ao que parece, se vê desacompanhado. É o que expôs em seu *website*: “Como não podia deixar de ser, a ‘batata quente’ ficou na minha mão, pois dos dois que restaram, eu tinha não só mais disponibilidade, como também maior capacidade dada a experiência adquirida na África do Sul” (VELASCO, 2010).

A partir de então, o ex-atleta assume a incumbência de formar uma escola de patinagem, para ensinar às crianças a prática do hóquei. Porém, vai denunciar as dificuldades de seguir adiante por falta de equipamentos necessários aos exercícios do hóquei em patins. A “Escola de Patinagem de Moçambique Críquete” atendia, segundo consta em seu sítio, “mais de oitenta jovens aprendendo os primeiros passos desse desporto”. O ex-atleta se apresenta preocupado com o futuro da modalidade desportiva em Lourenço Marques, bem como em formar, nas crianças, o gosto pela prática do hóquei. O Jornal moçambicano “Notícias”, 28 de Janeiro de 1979, leva como destaque a seguinte manchete, “O futuro da Modalidade depende essencialmente dos jovens”³¹. Porém, a falta de recurso financeiro, somado ao distanciamento de Moçambique pós-independente, da seleção portuguesa de hóquei, ao menos é o que parece, foi o grande entrave do desenvolvimento do projeto.

Moçambique disputaria, também, sua primeira prova como uma nação independente e para acompanhar a equipa até o Aeroporto Internacional de Mavalane, antes do embarque para Argentina, estava presente a figura de Marcelino dos Santos, fundador da FRELIMO, o primeiro Ministro da Planificação e Desenvolvimento em Moçambique.

³¹ Excerto de Jornal extraído do *Website* de Francisco Velasco, suplemento “Eu, treinador”.



Crianças na escola de patinação em 1979. Fonte: francisco-velasco.com.

Na imagem anterior, podemos conferir as crianças, em sua maioria negras, aprendendo a patinação na escola criada por Velasco, junto ao Clube Ferroviário. A partir desse momento, o hóquei patinado passa a receber a presença da parcela negra da população moçambicana. Porém, a falta de recurso Estatal moçambicano, bem como do incentivo dos clubes desportivos para aquisição de equipamentos, parece que foi a grande dificuldade encontrada pelos idealizadores do projeto de ensino ao hóquei. A própria produção local das peças que faltavam para compor o quadro e, assim, seguir adiante treinando as crianças, foi segundo Velasco, uma possível solução para o problema deficitário. Como pode-se conferir em seu *website*:

Com exceção dos patins e dos setiques, tudo o resto poderia talvez ser fabricado localmente, tal como rodas, bolas, materiais à base de cabedais, feltros e certos acessórios como travões, anilhas e porcas e mesmo até o próprio chassis. Haveria que investigar esta possibilidade (VELASCO, 2010).

Acredita-se que a possibilidade foi nula para o intento, pois em entrevista dada ao jornal Notícias, em 28 de janeiro de 1979³², Velasco revela a preocupação com o futuro da modalidade desportiva: “(...) a falta deste material pode originar uma grave crise neste desporto, com consequências incalculáveis para o seu futuro... Há quem avente a hipótese que a modalidade acabará por extinguir-se...”. (VELASCO, *Idem*).

Os motivos que deixaram os negros de fora dos ringues de hóquei patinado moçambicano, bem como sua motivação para a prática num momento pós-independente, ainda continuam sendo uma lacuna aberta. Porém, o que se tem é uma versão da história provinda das memórias de um ex-atleta branco com décadas de lembranças.

Esse aparente cuidado com os negros moçambicanos pode estar relacionado com a conjuntura social que vivia Moçambique, ou seja, uma atmosfera de independência, na qual também se acreditava que os negros teriam mais autonomia como também pode ter relação com a experiência que Velasco vivenciou em África do Sul. Segundo conta em sua página na internet, a permanência na África do Sul lhe possibilitou vislumbrar sob outra ótica o processo de independência moçambicano.

O sistema de *apartheid* vivido pelos sul-africanos e os conflitos gerados por conta disso, pareceram que provocar no ex-atleta essa resignificação ao movimento independentista, permitindo, assim sua volta à Moçambique. Como mesmo lembrou em seu *website*: “Testemunhei o culminar dos grandes levantamentos do Soweto³³ e a repressão violenta que se seguiu. Regressar a Maputo foi como voltar a respirar ar puro” (VELASCO, 2010). Torna-se importante lembrar que Velasco expôs ao público via internet, suas memórias desse período somente no ano de 2011, ou seja, mais de quatro décadas depois. Tempo suficiente para se reconfigurar o pensamento e as análises

³²Reportagem extraída do *Website* de Velasco no suplemento “Eu, treinador”.

³³O levante de Soweto (South Western Township), bairro periférico e de maioria negra da África do Sul, foi um movimento político racial iniciado em 16 de junho de 1976 e encabeçado pelos estudantes que protestaram contra as línguas africaner e inglês, línguas dos brancos e símbolo do *apartheid*. Eram aplicadas ao ensino na África do Sul em detrimento a línguas nativas como bantu. O estopim da revolta foi a morte de Hector Petersen, estudante de 13 anos que foi morto pela polícia. O jornal *Folha de São Paulo*, reportou, em 18 de junho de 1976, os conflitos na África do Sul, segundo o periódico o número de mortos passou de 35 em dois dias de conflito.

sobre o ocorrido, pois, quanto maior a experiência vivenciada, provavelmente, maior o cuidado ao julgar os fatos ocorridos no passado, ou seja, as memórias são ressignificadas com o passar dos anos do indivíduo.

Pode-se pensar nessa possível identificação com o movimento de independência, que possibilita um não estranhamento pelo fato de Velasco regressar, após sua estadia em África do Sul, de volta à Moçambique que agora se encontrava independente e, de onde, segundo ele, os colonialistas haviam partido rumo à pátria mãe. Porém, o ex-atleta ainda resistiu até o ano de 1981 para seguir rumo à Portugal, deixando as terras moçambicanas para onde, até o presente, não mais voltou.

O fato é que quando regressou a Moçambique, em 1978, Velasco foi contratado no mesmo ano, pelo Ministério dos Transportes e Comunicações, à serviço da Marinha. Atuaria, então, como hidrógrafo, que, como bem sabe-se, foi sua profissão por longos anos. De volta à Lourenço Marques, agora independente, trabalhou ao lado de uma equipe de cooperantes da União Soviética. O grupo de trabalhadores especializados da antiga URSS era composto por: Vladimir Krapenco, hidrógrafo, ex-Comandante de navios civis, o líder da equipe, seguido por Slava, engenheiro Balizador e Boris, engenheiro Rádio Técnico. Havia ainda um tradutor do destacamento que atendia pelo nome de Vladimir (VELASCO, 2010).

No dia 07 de janeiro de 1980, Velasco conta que apresentou ao Ministério dos Transportes e Comunicações uma carta de demissão. Provavelmente já fizesse planos em mudar-se para Lisboa, porém, segundo conta, foi por motivos de desaprovação com o descaso que o Ministério vinha tratando os assuntos hidrográficos. Acredita-se que ao viver o novo regime, assim como seus companheiros, Velasco tenha tido uma espécie de desaprovação com a nova realidade Moçambicana. Nesta carta constam diversas referências ao auxílio soviético, no que se tange ao mapeamento do litoral moçambicano, que segundo Velasco:

Moçambique é um País com uma costa extensa, com um potencial marítimo de incalculável valor, não sendo por demais afirmar-se que o futuro dele, mais precisamente, o futuro da sua evolução económica, encontra-se interligado com os 2.700 kms da sua costa,

de seus portos, do desenvolvimento da sua navegação fluvial, em resumo, da sua HIDROGRAFIA (VELASCO, 2010).

A atuação da antiga URSS na costa moçambicana é algo que carece de melhor estudo, assim, não dispomos aqui de condições para essa abordagem, dado os limites desse trabalho. O fato é que Moçambique, como muitos outros países africanos, recebeu algumas formas de apoio, tanto para o processo revolucionário como no pós-independência (THIAM; MULIRA, 2010, p.975-982). Velasco bem cita essa participação soviética em sua carta demissional, como, por exemplo, quando comenta o auxílio à formação de moçambicanos para esses determinados trabalhos, ou, até mesmo, o meio de transporte que era utilizado para deslocamento no litoral moçambicano. Com certa acidez Velasco, em seu sítio, diz que percorriam “num ‘Volkswagen’ de turismo, velho, accionado exclusivamente devido à vontade férrea dos seus utentes soviéticos (...), e justamente por se tratar de um veículo surrado tornava dificultosa a travessia”.

Contudo, em maio de 1980, ou seja, quatro meses após a expedição do pedido de demissão, Velasco segue para aquela que seria sua a última tarefa como hidrógrafo. Com um grupo de trabalhadores, incluindo os russos, parte para o Porto de Inhambane, região ao sul de Moçambique, a fim de efetuar um levantamento hidrográfico da costa. Nesta ocasião, 08 maio de 1980, contando com 46 anos de idade³⁴, ocorreu um trágico acidente que lhe subtraiu a mão direita, por causa de um “very-light”, uma espécie de sinalizador que falhou e estourou em sua mão. Principia-se, então, uma quase infundável briga com a República Popular de Moçambique e com a Companhia Nacional de Navegação, a fim de conseguir uma indenização pelo acidente ocorrido.

De acordo com o que afirmou em depoimento, a partir daí: “(...) inicia-se um período ‘kafkiano’ com as minhas incansáveis tentativas para levar o

³⁴Maiores esclarecimentos pode ser encontrar em, <http://www.francisco-velasco.com>, no suplemento “Eu, Treinador”. No momento da entrevista procurei não questioná-lo sobre os pormenores do acidente, haja vista que com eles, eu já os tinha contato. Meu silêncio parte de uma decisão em não quere “expor” Velasco à contar tal ocorrido, talvez eu quisesse poupá-lo, talvez a conversa ou o encontro estava agradável ou talvez porque o “salgado” que Velasco degustava parecia de bom apetite.

Governo de Moçambique a rever o processo de minha indenização”³⁵. Ao adjetivar um “período Kafkiano”, Velasco dá margem pra algumas interpretações, que, mesmo não estando explicitadas, podemos tentar depreender.

Franz Kafka em “A Metamorfose”, provavelmente a mais célebre novela do escritor tcheco, publicada em 1915, transmite ao leitor uma atmosfera de angústia vivida pela personagem Gregor Samsa, que, sem condições financeiras, sofre ao ver esvaír os sonhos de sua família juntamente como os seus. Porém, assim como o personagem que ao acordar se apercebe um inseto, após o processo de metamorfose, daí o nome da obra, Velasco vai sentir a necessidade de reinventar-se. Por meio de seu depoimento podemos perceber: “Quando eu reconheci que a carreira de treinador desportivo não tinha interesse, eu entrei numa área que você vai ficar admirado, artes gráficas” (VELASCO, 2013, p.42). Pode-se imaginar o quão desanimador foi para o ex-atleta não mais participar dos jogos dentro dos ringues de hóquei, ficando apenas à beira do campo, ocorrendo, dessa forma, o que para ele foi convencional chamar de falta de interesse.

Então, foi nas artes gráficas que o ex-jogador e treinador de hóquei patinado parece ter encontrado essa forma de metamorfosear. Em seu *website*³⁶, no suplemento “Da Cartola”, possível expressão que segundo ele significa “tirar o chapéu”, pode-se conferir uma historieta intitulada “Os hoquistas ma’ Fantasmas” aqui já citada. Tal postagem chama atenção por ser a primeira a compor ilustrações produzidas pelo próprio depoente. Nesta anedota, Velasco nos relata um pouco de sua infância permeada em peraltices. Situada na Avenida 24 de julho existia uma residência típica colonial, abandonada e era conhecida entre a “malta” como a “Casa dos Fantasmas”. A respeito do trabalho com os desenhos produzidos para a tal historieta, Velasco afirma: “Como é evidente tudo isto foi muito trabalhoso, porque além de

³⁵ Depoimento de Velasco acerca de seu acidente no trabalho e que o levou a perda da mão direita. No suplemento “Eu, Treinador”, pode-se ler na íntegra o relatório médico bem como a ação movida pelo depoente referente às negociações para o recebimento de uma indenização pelo acidente causado.

³⁶ Velasco se faz utilizar de ilustrações em três Anedotas, a saber: “Os hoquistas ma’ Bandidos parte 01”; “Os hoquistas ma’ Bandidos parte 02” e “Os hoquistas ma’ Fantasmas”. Todas publicadas no ano de 2013.

produzir o texto, tive de desenhar pacientemente mapas e ilustrações” (VELASCO, 2013, p.7).

Velasco se dedica, nas ilustrações citadas, a traçar ruas, estabelecimentos, casas abandonadas, num processo de reconstrução da memória. Torna escusado lembrar que a cidade de hoje não é a mesma cidade da qual ele se recorda, bem como já disse Milton Santos, “O fenômeno humano é dinâmico e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado” (SANTOS, 1988, p.14).

Aqui vale lembrar Bosi, quando esta diz que “Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história. O caudal das lembranças correndo sobre o mesmo leito” (BOSI, 1994, p.418). Pois mesmo se quisesse fazer uso de recurso da internet para coletar imagens a fim de uma composição ilustrativa, Velasco não encontraria a mesma estrutura residente em sua memória. Talvez por isso tenha optado por fazer-se ilustrador, para manter viva a imagem de Lourenço Marques dos seus tempos de infância. É pouco provável que a cidade de Lourenço Marques, que desde 1976 passou a denominar-se Maputo, tenha obedecido a mesma posição estática das memórias de Velasco frente aos processos dinâmicos que ocorrem com as cidades, dos quais Moçambique não está alheia. Como afirma Paul Ricoeur:

É principalmente na narrativa que se articulam as lembranças no plural a memória no singular, a diferenciação e a continuidade. Assim retrocedo rumo à minha infância, com o sentimento de que as coisas se passaram numa outra época (RICOEUR, 2007, p.108).

Assim o faz Velasco ao buscar na memória uma imagem estagnada, sem as mudanças provocadas pelo tempo, construindo uma cidade intacta, assim como ela é em suas memórias. Mas quando Velasco diz que fazer os desenhos que acompanham as histórias de sua “malta”, foi “trabalhoso”, torna necessário lembrar que neste momento, o ex-atleta conta apenas com a mão esquerda. Portanto, a busca, por um novo sentido à vida começou a fazer parte de seu cotidiano e supera o fato de ter que aprender a executar suas funções

com a mão esquerda, como pode-se conferir em seu depoimento: “eu comecei escrever com a mão esquerda, eu fi-lo durante 6 meses, 2, 3, 4 horas por dia”(VELASCO, 2013, p.42) pois, para além disso, também teve que abandonar as quadras de hóquei em patins e se dedicar às artes gráficas.

II.II – A construção de Velasco treinador nos movimentos da memória

Como foi possível perceber, após todo processo de “metamorfose” do qual vivia Francisco Velasco após seu acidente, ele ainda resistiu treinando equipes de hóquei em patins até o ano de 1984, quando foi treinador do *Sporting Clube de Tomar*, Portugal. Entre os anos de 1982 e 1983, Velasco treinou uma equipe de hóquei em Monza, na Itália, o *Hockey Club Monza Pompe Vergani* e em carta encaminhada a um amigo, via blog, o treinador valoriza a dedicação depositada da *Federazione Italiana Hockey e Pattinaggio* para o desenvolvimento e organização da modalidade naquele país. Velasco comenta que na Itália a federação possuía: “uma organização impecável e um objectivo prioritário focado na Formação de Treinadores e publicação de Manuais, Textos e Livros de bastante interesse que são os únicos que costumo retirar da minha estante quando em busca de conhecimento”³⁷.

Em seu depoimento, Velasco diz que quando foi treinador, “sempre perceb(eu)i que os níveis pod(iam)em ser altos e que podem ser alcançados, havendo somente que trabalhar com método e com muito empenho” (VELASCO, 2013, p.3). O ex-atleta se preocupava, em examinar a técnica de seus jogadores, conta que na época que atuou como treinador, levava aos exercícios três cronômetros, para o auxiliar em uma série de estatísticas. O ex-treinador relata que: “quando comecei a treinar, comecei a perguntar-me: - Quantas esticadas ocorrem durante um jogo? - Qual é a velocidade da bola? - Quantos passes se fazem?” (VELASCO, *Idem*, p.14).

Queria aquele treinador ultrapassar o nível de esticadas que cada jogador daria na bola, sempre concentrado em superação e progresso. Segundo conta, não havia ainda dados para esse intento, no que tange ao

³⁷Carta de Velasco à Pedro Antunes <<[www. http://patinslover.blogspot.com.br/](http://patinslover.blogspot.com.br/)>>

hóquei em patins, então Velasco começou a coligi-los. Outras questões foram se avolumando em sua prancheta, como por exemplo: “Que distância se percorre, com e sem bola? Quanto tempo é que uma equipa tem a bola na sua posse? Com posse de bola, quanto tempo é que passa na área adversária?” O uso dos três cronômetros tornou-se indispensável para esses cálculos, “um para controlar o tempo que passávamos na área adversária”, ou seja, a preocupação era saber a força que sua equipa depositava no campo adversário e o tempo de domínio da bola ali. Então um cronômetro era acionado sempre que seus jogadores entravam na área adversária. “Outro cronômetro controlava o tempo em que tínhamos posse de bola na nossa meia parte da pista”. E o terceiro “controlava o tempo do adversário na nossa área”, lembra Velasco (VELASCO, *Idem*, 14-15).

Estas foram algumas das questões que instigaram o jovem jogador de hóquei que se dividia entre a profissão de hidrógrafo, a fazer cálculos para as construções de pontes e portos nas costas de África oriental, Timor Leste e Índia, com os ringues de patinagem. É provável que sua inquietação com o avanço técnico das equipas daquele desporto do qual fora *amador*, como ele se definiu por amar essa modalidade desportiva, possa ser resultado dessa união da profissão com o amor pelo hóquei patinado.

A partir de 1982, quando já residia em Lisboa, após o acidente que lhe subtraiu a mão direita, pôs-se a treinar, a executar as tarefas com a mão esquerda, “a mão que me sobrou”, conta entre risos, e um desses exercícios foi a digitação de seus manuscritos táticos de treinador. A compilação desse material resultou em uma publicação, pela Editora Presença em 1982, de um pequeno livro intitulado *Hóquei em Patins*. Nesta compacta obra Velasco especifica suas técnicas e táticas para o desempenho da modalidade e dos jogadores de hóquei em patins. Segundo contou em depoimento, a Universidade do Porto andou sondando seu trabalho e chegaram a procurá-lo para falar sobre a aplicabilidade da técnica exposta em seu livro: “Vieram me procurar. Tudo isto é aplicável em qualquer desporto” (VELASCO, 2013, p.15).

Em seu *website*, o ex-treinador expõe, na sessão “O Carrossel”, seus planos de táticas de jogos e pode-se encontrar, também, relatos de suas impressões frente à aplicação dessas técnicas em algumas equipas que

Velasco atuou como treinador. Infelizmente não pude encontrar este livreto disponível em nenhum alfarrábio quando estive por Lisboa, mas acredito que o conteúdo do livro está todo disponibilizado, em forma de seções, em sua página da *web*.

Em se tratando de futebol, Velasco não vê determinados esquemas táticos como uma opção de jogo, como, por exemplo, quando cita o, “4-3-3, ou 4-4-2, isso são números exotéricos, é fingir que é tático” (VELASCO, 2013, p.12). O ex-técnico acredita que esses esquemas táticos não se aplicam são dispensados ao futebol, são apenas ideias. Acredita que os desportistas, tanto no futebol, como no hóquei em patins que são, para o ex-atleta, as duas modalidades desportivas que piores se praticam no planeta em questão de coletividade. Argumenta, ainda, que os jogadores já estão preparados para a determinada partida, e agem conforme o “calor do momento”, faltando dessa forma o “Sistema Tático de Grupo”, criticando, por exemplo, atuação de alguns atletas tidos como “galácticos” que não resolvem os problemas do grupo e atuam de forma individual (VELASCO, 2010). No dia 12 de novembro de 1978, após uma competição realizada “no pavilhão do Malhangalene, completamente cheio e com a presença de altas individualidades do Governo”. Era uma apresentação da nova equipe que representaria Moçambique desde então e, Velasco nas arquibancadas saiu desapontado pela derrota. Envia , então, no mesmo dia uma nota ao jornal *Notícias* que leva estampada “hóquei: impor a tática para acabar com o imprevisto” (VELASCO, 2010). Parece que o ex-treinador de fato se importava com as táticas de jogo e o trabalho em equipe.

Velasco exerceu a atividade de treinador oficial entre os anos de 1981-1984, porém, já havia atuado como treinador quando residiu em África do Sul em 1965, onde formou e treinou uma equipe de hóquei em patins sul-africano. É importante citar que em 1967, em Moçambique, realizaram-se as comemorações dos 10 anos de internacionalização do hóquei em patins. O motivo do festejo se deu por conta do rememorar da primeira participação de jogadores de hóquei patinado na metrópole portuguesa.

O leitor pode estar se perguntando o porquê dessa comemoração ter se dado em solo moçambicano. No entanto, vale lembrar que nesse período de

internacionalização (1957-1967) o selecionado português, com a participação dos atletas moçambicanos, arrebatou todos os títulos que disputou, elevando os jogadores das colônias ao panteão nacional. Podemos, ainda, imaginar o que significava para uma colônia, onde o regime salazarista implantava uma ideia de unidade nacional, onde todos eram portugueses, ter se integrado ao time metropolitano.

Para o evento reuniram-se os desportistas moçambicanos que fizeram parte dessa empreitada “internacional”, como Vaz Guedes, Moreira, Amadeu Bouçós, Fernando Adrião, Manuel Carrelo, incluindo Francisco Velasco, que neste tempo residia em África do Sul. Aproveitando a ocasião, Velasco foi entrevistado pelo jornal moçambicano *A Tribuna*, que noticiou o seguinte: “Iniciativa Ambiciosa de Francisco Velasco: Vou tentar fazer com que os sul-africanos pratiquem o hóquei”³⁸. Intentava-se naquele país formar um grupo de jogadores de hóquei patinado e Velasco ousaria arriscar-se nessa tarefa, conforme consta:

Comecei a procurar estabelecer contactos que pudessem vir a trazer apoio ao projecto e verifiquei que se trabalhar com uma certa obsessão, hei-de introduzir a modalidade na África do Sul. Claro que como é um desporto novo, e como a população deste país não o conhece, a luta vai ser travada isoladamente. Ou então com o apoio da comunidade portuguesa. (VELASCO, 2010).

Velasco parece mesmo obstinado a querer (re)inventar o hóquei patinado aos sul-africanos. Provavelmente o ex-atleta gostasse mesmo da prática do hóquei em patins e, aproveitando de sua permanência junto aos sul-africanos, tenta inculcar o gosto (que é mais seu) pelo hóquei naqueles garotos. Ou simplesmente quisesse praticar aquela modalidade desportiva, e precisava formar um time. O fato é que Velasco parece mesmo acreditar que o futuro da modalidade está sob a tutela dos jovens, assim ele o fez com as crianças moçambicanas em 1978.

Um ano mais tarde, em 16 de outubro, foi a vez do jornal *Diário Desportivo*, também de Moçambique, estampar em uma de suas páginas uma

³⁸ Jornal *A Tribuna* em 27 de junho de 1967, Moçambique. *Website* de Velasco.

matéria intitulada: “Francisco Velasco e a sua ‘batalha’ pelo hóquei na África do Sul”³⁹. Segundo Velasco, o propósito tomou sentido de luta pelo fato de não haver no país desportistas conhecedores do hóquei em patins, onde a população era mais adepta ao críquete, ao golfe e ao rugby. O curioso é que outrora vieram daquele país os atletas que ajudaram a formar o primeiro grupo de hóquei patinado moçambicano, nas primeiras décadas de 1900, contudo, naquele momento a posteriori, os jovens sul-africanos seriam classificados por Velasco como desconhecedores da modalidade desportiva.

Por fim, com a ajuda da comunidade portuguesa, na década de 1969, Velasco iniciou as atividades de treinamento junto aos desportistas da África do Sul. Em 3 de outubro de 1970 ocorreu, então, um festival desportivo organizado pelo clube sul-africano *Fiestaland Amateur Club*, no qual houve a participação de uma equipe de hóquei patinado treinada por Velasco e o jornal sul-africano *Brits Pos*, no dia anterior ao referido festival, levou uma imagem da “nova” equipe hoquista treinada por Velasco que participaria do festival.⁴⁰ Realizando-se, dessa forma, o projeto que Velasco parece ter se dedicado para que se realizasse. Há em seu website um fato que acredito valer a pena reproduzi-lo aqui, diz respeito, segundo seu autor, à gênese de seu desejo por iniciar os sul-africanos na prática do hóquei.

Ainda em 1965, em Carletonville, na cidade mineira onde trabalhava e vivia temporariamente, deparei com um rince oval, onde muitos garotos sul-africanos se divertiam com ou sem patins, a perseguir uma bola de críquete com os seus setiques de hóquei em campo. Uns dias depois, apareci lá com o meu equipamento. Meti-me no meio dos garotos, participei das brincadeiras e pode-se imaginar a surpresa deles por ter revelado na prática, o que se podia fazer, não só com os patins, mas também com o setique e a bola. Os miúdos pareciam moscas à volta de mim, frustrados por não conseguiam a bola, que eu fazia saltitar, enrolando-a ou levando-a na ponta do setique, sempre a escapar-me com fintas de corpo, travagens súbitas e mudanças de velocidade. (VELASCO, 2010)

³⁹ Idem.

⁴⁰ Jornal Brits Pos, sexta feira, 02 de outubro de 1970. *Website* de Velasco

Dessa forma o ex-treinador ganhou a atenção das crianças e Velasco parece se sentir confortável ao ser admirado pelos garotos.



Reportagem do Jornal Britis Pos, sexta feira, 02 de outubro de 1970. Fonte: francisco-velasco.com.

Na imagem acima, podemos conferir os componentes da equipe que entraram no ringue de hóquei no dia do festival da *Fiestaland*. Velasco se encontra de pé, ao centro da imagem e atrás do guarda redes, os demais são atletas da África do Sul, integrantes da equipe. A apresentação teve a participação da comunidade portuguesa disputando contra esta equipe preparada por Velasco. Em africâner no título e em negrito lê-se: “Fiestaland bied aan Groot “Rolskaats/Hokkie Wedstryde”, ou seja, *Fiestaland* apresenta grande jogo de hóquei em patins⁴¹.

Na África do Sul, Velasco além de exercer sua profissão de hidrógrafo, pois foi com esse objetivo que mudou-se para lá, atuou também, como técnico desportivo, chegando a ser, entre os anos de 1976 a 1978, treinador da equipe de hóquei em patins da Associação Portuguesa de Johannesburg, time do *Fiestaland Club* e selecionador da equipa do *Transvaal* e ainda ajudou a fundar

⁴¹Tradução Dicionário Michaelis online

uma associação de hóquei patinado, o *Transvaal Roller Hockey Association*. (VELASCO, 2010).

Sobre a participação dos sul-africanos na prática do hóquei, Velasco, em seu sítio, vai dizer que:

O facto de todos os jogadores serem Afrikanners, foi o factor fundamental para me envolver, uma vez que era deveras importante existir uma equipa (de hóquei patinado) formada por atletas da terra que, por arrastamento, pudesse levar ao aparecimento de mais formações semelhantes (VELASCO, *Idem*).

Na África do sul, sabemos que o sistema de *apartheid* colocou o negro e o branco em posições antagônicas. Mas em Moçambique, onde não havia declaradamente essa exclusão, por que o negro moçambicano não praticou o hóquei em patins? Por que não houve um esforço em fazer com que eles (os negros) participassem dos jogos em quadra antes da independência de Moçambique, muito embora fossem também “da terra”? Será que houve um esforço para introduzi-los nos ringues de hóquei patinado? Essas são questões que se fazem presente no âmago do presente trabalho.

Mesmo estando afastado de Moçambique e do fervor revolucionário, no momento da independência moçambicana, como já foi aqui esclarecido, essa distância geográfica não impediu Velasco de responder a questão por mim colocada: “qual a relação dos desportistas moçambicanos frente ao movimento de independência de Moçambique?”⁴² Havia uma preocupação em saber se teve algum tipo de participação, ativa ou não, por parte dos jogadores de hóquei, pensando em um momento em que a população moçambicana intentava um distanciamento administrativo da metrópole portuguesa. Velasco, então, se coloca em uma posição de dualidade frente ao processo colonial, dizendo-se colonialista e ao mesmo tempo colonizado, sendo um sujeito branco, desportista e com certa notoriedade, tinha seus privilégios, assim como

⁴² Reproduzo aqui a resposta de Velasco por e-mail em 30 de agosto de 2012. “Éramos colonialistas se bem que também colonizados pela Metrópole. Temos de recordar que os desportistas moçambicanos viviam sob um regime Colonial. A maior parte dos brancos da minha geração nem se apercebia disso e seguiam em frente com as suas vidas privilegiadas. A grande massa negra que nos rodeava estava lá... mas era como se não existisse!”

os brancos de sua geração. Ainda deixa dúvidas quanto a percepção e visibilidade da presença da população negra moçambicana.

Ou seja, a participação, no que tange aos hoquistas moçambicanos, pelas palavras do ex-atleta, foi nula, uma vez que a luta contra o regime colonial português poderia pôr fim aos “privilégios” dessa população branca de Moçambique. É curioso pensar na fala apontada pelo depoente, no que toca à invisibilidade dessa “grande massa negra”, deixando, assim, margem para questionamentos: Estariam os negros sendo ignorados pelos colonialistas moçambicanos ou simplesmente, na visão de Velasco, a cor era um fator que não importava, por isso essa massa “era como se não existisse” (todos eram portugueses)?

Não encontrou-se vestígios, nesse período de pré-independência, da presença de negros moçambicanos dentro das quadras de hóquei em patins, mas eles davam assistência constante aos jogadores. Velasco sugere que muitos negros: “quase sempre vinham aos jogos à boleia de alguns jogadores que os metiam lá dentro a carregar os equipamentos, uma vez que não tinham dinheiro para os bilhetes de entrada” (VELASCO, 2013, p.2). Portanto, por meio disto, podemos acreditar que a presença de negro moçambicano (nas arquibancadas e recepção) era quase que constante nos jogos de hóquei patinado. Mas este assunto será abordado mais adiante, por hora, nos bastaremos com esse dado.

Voltemos a uma citação de Velasco exposta há pouco, esta dizia: “A maior parte dos brancos da minha geração nem se apercebia disso e seguiam em frente com as suas vidas privilegiadas”. Será que o ex-atleta sugere que ocorria naquele momento, uma segregação racial quase oculta, entre negros e brancos em Moçambique? A prática desportiva como o hóquei em patins poderia ser encarada como um caráter de privilégio, uma vez que os equipamentos básicos para o desporto eram consideravelmente caros. Um dos motivos, também, pode estar atrelado ao que Sonia Corrêa e Eduardo Homem chamaram atenção, pois segundo os autores, que estiveram por Moçambique pouco depois de sua independência, foi possível observar que o negro em Moçambique assumiria um papel subserviente, mesmo após a independência

daquele país. Chegando a denunciar um racismo evidente em Lourenço Marques, dizem o seguinte:

Em Lourenço Marques o negro foi admitido apenas para servir ao branco, para servir almoço e jantar nas casas e cerveja e cafezinho nos bares; para servir de saco de pancadas quando preciso fosse. E apesar da independência isso não se esconde (CORRÊA; HOMEM, 1977, p.173).

Portanto, aqui cabem algumas indagações, como por exemplo: se ao negro moçambicano estava reservado o papel do trabalho subserviente e sua utilização como mão de obra ao branco, que interesse cabia aos colonizadores, ou aos luso-africanos a participação dessa população na prática do desporto patinado, uma vez que se o praticassem estariam de alguma forma em pé de igualdade com os brancos, equiparando-se, assim, negros e brancos? Ou, será que existia um descontentamento entre os negros moçambicanos para com a prática do hóquei em patins, um esporte de privilegiados, lhes apетecendo mesmo somente a posição de admiradores? Se Velasco ou a maioria de seus companheiros não se “apercebiam” dessa segregação racial entre negros e brancos, isso se dava porque como ele mesmo disse, “eram colonialistas” e viviam naquele contexto. A população branca, como dito, tinha seus privilégios e onde quer que estivesse tinha sua diferenciação, mesmo pertencendo à camada mais pobres dentre os próprios brancos, mesmo assim ele ainda tinha sua vantagem frente ao negro, “assimilado” ou não.

Aos negros eram reservados os trabalhos tidos como pesados pois, exaltava-se o “potencial” de trabalhador do negro moçambicano. Isso ocorre de longa data e Patrícia Ferraz Matos (2006), mencionando a participação de Portugal na Feira Internacional de Bruxelas em 1924 - feira destinada a apresentação dos feitos nas colônias de além-mar pelas potências europeias participantes - onde os lusíadas tiveram a oportunidade de mostrar ao restante da Europa sua poderio colonial, detentores de vasto território colonial e o desenvolvimento de um projeto humanitário e civilizador. Portanto em Moçambique, Portugal vai especificar apenas o aspecto representativo da força

de trabalho do nativo moçambicano, no que concerne à sua mão de obra (MATOS, 2006, p.168).

Junto a isto, temos para o povo em Moçambique a educação a seu (des)favor, ou seja, um sistema educacional moçambicano como elemento favorável para a produção de mão de obra naquela província ultramarina. Como bem lembrou Mana Filomena Mónica era “necessário utilizar a escola como um meio de «civilizar» as massas trabalhadoras e de difundir a ideologia salazarista” (MÓNICA, 1980, p.499). Ideologia esta que incutia na população uma ideia de igualdade e subserviência.

O absentismo, no liceu, dos negros de Moçambique também pode ter culminado para sua ausência nos ringues de hóquei em patins, pois como lembra Velasco: “era no liceu que se tomava o gosto pelo desporto.” Segundo a visão do ex-atleta, o liceu proporcionou às crianças e adolescentes luso-africanos o prazer da iniciação na prática desportiva, portanto, o que se pode inferir é que se os negros não alcançavam o liceu não chegariam a ter o deleite pelo desporto.

Mas o que dizer do futebol ou até mesmo do Box moçambicano, que, na figura de alguns atletas, representaram a metrópole portuguesa como uma unidade nacional? Como vimos, ficou reservado à periferia, destinado à parcela pobre da população de Moçambique e era de lá que se tomava o gosto pela prática dessas modalidades periféricas. Portanto, essa “unidade nacional” tratou por colocar muito bem suas ressalvas de uma forma velada, que, apesar de Velasco dizer conhecer suas contradições, não se desvinculou das malhas do império.

II.III – Eu colonizador, Eu colonizado

Francisco Velasco, ao olhar para o passado colonial de Moçambique, percebe, a partir do tempo de hoje, que o discurso que permeava a ideia de que todos os povos do Império Ultramarino Português comungavam da mesma identidade lusitana, foi uma falácia. Nas palavras do ex-atleta, podemos conferir que: “Todos somos Portugueses. É uma maneira de enganar-nos,

porque éramos colonizador e colonizados. Eu também fui enganado.” Como pode ser ele colonizador e ao mesmo tempo colonizado? Quem era colonizador e quem era o colonizado? Quanto ao assunto Albert Memmi, escritor tunisiano e judeu, diz que, “Assim que chega ou desde o nascimento, encontra-se (ele) em uma situação de fato, comum a todo europeu que vive na colônia, situação que o transforma em colonizador” (MEMMI, 2007, p.50-51).

Convém lembrar que Francisco Velasco nasceu em Goa, colônia portuguesa, obviamente não era europeu e, sim, goês, todavia sentia-se um cidadão lusitano, ademais era branco. Relembro aqui sua fala, no que diz: “Todos somos Portugueses, colonizador e colonizados”, sendo assim, será que no rol do colonizador Velasco inclui aí o negro de Moçambique? Acho essa consideração muito pouco provável. Por conseguinte, sendo nosso depoente branco e com seus privilégios, porque todos os brancos das colônias tinham seus privilégios coloniais, mesmo que os mínimos, maquinalmente trajaria as vestes do colonizador. Evocando novamente Memmi, no que este diz: “cada um, socialmente oprimido por alguém mais poderoso que ele, encontra sempre outro menos poderoso que possa oprimir” (MEMMI, *Idem*, p.49) e esse “outro” foi o negro moçambicano.

No entanto, essa afirmativa colonizador/colonizado relaciona-se ao fato de Velasco descender de uma família provinda de outra colônia, indiana, ser branco e seu pai possuir certa facilidade financeira, pois era funcionário do governo moçambicano. Ao mesmo tempo, era residente de uma colônia portuguesa em África onde, muitas vezes, não era identificado como português e colonizador. Talvez para Velasco, as lembranças de um processo colonial português, ademais sob sua ótica, sejam de certa forma, similar ao imperialismo norte americano na contemporaneidade. Como se o ex-atleta enxergasse uma correlação entre as duas formas de governo, talvez pelo modo truculento e autoritário de governar.

É muito corriqueira na fala do depoente uma comparação entre o processo colonial desenvolvido em África e a atuação desempenhada pelo governo dos Estados Unidos da América, ademais após a administração de George W. Bush passando pelo governo de Obama. Nesse sentido, Velasco vai levantar críticas, sobretudo, a concessão à Barack Obama pelo Prêmio no

ano de 2009 oferecido pelo comitê do Nobel de Paz. O depoente vai dizer o seguinte: “E perante isto, Obama é o Prêmio Nobel da Guerra, o da Paz ele devia devolver, pois já fez mais guerras que o Bush, e o que esta em jogo aqui? Estávamos a falar em colonialismo. É colonial.” (VELASCO, 2013, p.23). Reitera ainda dizendo que: “Portanto falar de colonialismo não precisamos ir a outra época, está declaradamente aqui.” (VELASCO, *op. cit.*, p.23).

Há aqui dois processos distintos, duas realidades históricas diferenciadas, Portugal início do séc. XX e EUA final do séc. XX e início do XXI, para o que chama atenção Velasco, ainda que tanto um como outro estejam imbuídas a ideia de dominação e poder de subjugação a outros povos, por meio de negociações com o poder local, quando não pela força. Embora a exploração no continente africano do século XIX e XX tenha se ocupado em sanar uma demanda crescente por conta da industrialização insipiente na Europa, como extração de borracha, óleos vegetais (óleo de palma) marfim e minérios dentre outros, teve também seu caráter expansionista dos territórios europeus no ultramar. Portugal, por exemplo, com cerca de 90 mil quilômetros quadrados, conquistou, só para citar os territórios africanos do além-mar, Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné- Bissau, (totalizando mais de 2 milhões de quilômetros quadrados), ou seja, somando mais de 20 vezes o perímetro territorial lusitano.⁴³

Em 1915, João Moreira de Magalhães Collaço lança um livreto intitulado *Lições de Administração Colonial*, como o próprio título sugere, há um elencar lições de colonização, para as disciplinas de Direito Colonial e de Estatística e Direito Administrativo da Faculdade de Direito de Coimbra. Segundo o Bacharel:

A acção civilizadora que um povo exerce sobre outro de civilização inferior, com o duplo fim de aproveitar as condições naturais de seu território e melhorar as condições materiais e moraes dos seus habitantes (COLLAÇO, 1915, p.04).

⁴³ Sobre colonialismo português em África, ver UNESCO. **História geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010.

Ou seja, o colonialismo praticado em África teve a pretensão civilizacional envolta na indumentária do mito do “fardo do homem branco”. Junto a isto, temos os trabalhos humanitários de missionários e abolicionistas novecentistas. Com a pretensão de exterminar o tráfico de escravos, como foi o caso do médico escocês e membro da Sociedade Missionária de Londres, David Livingstone. Explorando o continente africano em meados do século XIX, Dr. Livingstone se deparou com algumas práticas de comércio de escravos e foi atuante na causa abolicionista no interior daquele continente. O explorador acreditava que o comércio escravocrata tornar-se-ia uma barreira ao progresso moral e comercial dos povos no “Novo Mundo”. (COOPER, 2005, p.213)

Já o imperialismo Norte Americano citado por Velasco, aquele praticado, sobretudo no Oriente Médio, adota uma roupagem militarista de dominação para mediação econômica comercial e patrocínio de grupos favoráveis aos EUA. A introdução de favores, empréstimos financeiros, donativos e auxílio militarista aos governos “dominados” facilitam o processo de subordinação por uma ideia de dependência frente aos Estados Unidos da América, como defende Fernando Chaves Almeida(2006). De um modo geral, o comércio capitalista é o grande interesse do imperialismo estadunidense, pois,

O que interessa não são os aumentos de renda e do emprego que um país imperialista pode usufruir do seu comércio exterior e dos investimentos que efetua no estrangeiro (...) De fato, na medida em que as vantagens imediatamente relacionadas às atividades econômicas externas constituem a razão principal da promoção da política imperialista, seus fundamentos políticos e sua justificação ideológica são necessariamente débeis (BARAM, apud ALMEIDA, 2006, p.21).

Ou seja, a justificativa de levar a “civilização” aos povos dominados não interessa mais ao novo modo imperialista, surge agora no lugar da civilização a democracia, porém, a justificativa também se baseia no combate a religiosidade. Como bem lembrou Velasco, ao citar o discurso de George Bush, na Casa Branca, logo após o incidente de 11 de setembro, no qual o beligerante presidente dizia que iria manter a cruzada contra o terrorismo,

contra o islamismo. Intenções estas, como bem sabe-se, puramente comerciais e econômicas. Velasco, em seu depoimento, adota claramente uma posição anti-estadunidense, criticando não só George W. Bush bem como Barack Obama no que tange a política econômica daquele país. O depoente torna a dizer que:

(...) falar de colonialismo não precisamos ir à outra época, está declaradamente aqui[Portugal]. O salário mínimo individual está em 425 Euros, é o mais baixo que existe na Europa. Itália é 800, aqui na Espanha 800. E esses gajos são todos da escola lá da Wall Street, vieram de lá, já sabem como fazer. (VELASCO, 2013, p.25).

Primeiro quem são “esses gajos” e porque eles seriam da “escola de Wall Street”? Sua fala pode estar relacionada com os últimos acontecimentos de crise financeira que desagradavam a população, especialmente, trabalhadores e aposentados portugueses.

É importante lembrar que quando encontrei Velasco (08/03/2013), Portugal passava por uma grave crise financeira. Pude presenciar no dia 02 de março de 2013, no centro de Lisboa, uma enorme passeata, cujo objetivo era protestar contra as ações econômicas do governo e a chamada “Troica”⁴⁴. O “evento” foi organizado via *facebook* e intitulado “que se lixe a Troika. O povo é quem mais ordena!”, houve um número de “confirmados” que beirou a 24 mil participantes. Grosso modo, a “Troica” é uma cobrança de acordo de dívida que o Estado Português ficou de saldar no ano de 2013, com a União Europeia. A população exigia o fim das intervenções do FMI na economia nacional portuguesa.⁴⁵ Velasco parece estar atento a estes acontecimentos, portanto, credita-se que estas questões não passam inocentemente pelas lentes atônitas e se introduziram no discurso do ex-atleta, adotando, dessa forma, uma postura de total desagrado em relação aos EUA.

⁴⁴A união do Banco Central Europeu, Comissão Europeia e do Fundo Monetário Internacional o que se chamou de Troika, desde 2011 instalado em Portugal, quando do início de sua participação à União Europeia. Em março de 2013 os valores de empréstimos à Portugal deveriam se liquidados, e é nesse momento que eclode uma onda de protestos, por parte da população, contra as ações governamentais referentes à esse resgate por conta da Troika. A situação drástica atingiria os bolsos, sobretudo, dos trabalhadores e da população idosa (que não é pouca) em Portugal. Muitos trabalhadores aderiram às greves e foram às ruas protestar.

⁴⁵Disponível em <https://www.facebook.com/events/473078392752306/>>> acessado em 18/07.

Velasco também mostra-se em alerta aos acontecimentos políticos do mundo árabe, quando, por exemplo, comenta o episódio ocorrido no Iraque, aquele que levou a captura e morte de Sadam Hussein. O depoente acusa o governo Bush de executar o ditador iraquiano, ainda confessa que naquele país, Hussein, apesar de exercer uma postura ditatorial, ao mesmo tempo propiciava um estado laico à população. Ao depor, Velasco diz que:

(...) no Iraque, antes daquela invasão que destruiu aquilo tudo, era o governo mais laico, a gente não gosta de ditador, mas o gajo era laico, a gente tem que ver também o contexto das coisas. (...) o sistema democrático ali nunca existiu, leva um certo tempo, tu não pode obrigar um indígena, uma tribo aplicar um sistema democrático às instituições (VELASCO, 2013, p. 28-29).

Curioso pensar que Velasco dessa forma viveu até o ano de independência de Moçambique, sob o regime salazarista e os anos de apartheid na África do Sul. Mesmo tendo seus privilégios como branco, funcionário do governo e defender o selecionado português de hóquei patinado, viveu os anos de colonização europeia.

Não vou aqui adentrar nos pormenores da morte de Sadam Hussein, menos ainda discutir se Iraque era ou não um Estado laico. O que prende a atenção aqui é o fato de Velasco sentir-se indisposto com esse caso iraquiano, pois acredita-se que este incômodo esteja relacionado com a sua história vivida, seu percurso e suas memórias de uma África colonizada, pois Ecléa Bosi, quando estuda as lembranças de pessoas idosas, vai dizer que:

Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecível (BOSI, 1994, p.60).

Como pode-se depreender pela citação de Bosi, essa repulsa pela imposição da democracia, no Iraque pelos EUA, pode estar diretamente relacionada com as memórias de Velasco. Pois como bem sabe-se, ele nasceu

na Índia portuguesa, se criou em Moçambique colonial, onde imperava o regime ditatorial de António Oliveira Salazar, circulou por territórios coloniais, os Impérios Ultramarinos portugueses na Índia, Timor e na própria África, além de presenciar, vivenciou um ambiente totalmente excludente ao negro. Pôde acompanhar de perto os conflitos na África do Sul no que tange à falta de democracia para a população não branca, negros, indianos, entre outros. Então, acredita-se que sua indignação com a ação imperialista norte americana o faz, de certa forma, rememorar esses espaços dos tempos idos.

Parece que não é só com a política autoritária de governo que Velasco se preocupa neste momento. Em seu depoimento, ele se posiciona repetidas vezes em favor da preservação ao meio ambiente. Divagando sobre suas angústias, acerca da mudança de temperatura do ecossistema, Velasco, ao depor, vai dizer que,

Quando este equilíbrio natural começar a fugir e quando as temperaturas chegarem àquele ponto, que começam a derreter as calotas, estas histórias, nós temos, na idade do mundo, várias catástrofes dessa que acabaram com os animais existentes. (...) agora nós somos os animais existentes e temos capacidade, temos consciência, a maior parte das pessoas que pensarem isto tem consciência (VELASCO, 2013, p.27).

Velasco mostra-se um sujeito preocupado com o meio ambiente, com a participação dos seres humanos na preservação, alguns participando de forma devastadora. Além disso, diz ter certa consciência sobre os efeitos danosos que os seres humanos podem causar ao meio ambiente, “temos consciência” e se coloca do lado das pessoas consciente, pois “nós somos os animais existentes e temos capacidade, temos consciência, a maior parte das pessoas que pensarem isto tem consciência”. Completa o raciocínio dizendo que:

A sacanagem dos vampiros que têm dentes já aguçados e ensanguentados, é uma elite que estas a traçar (sic) o planeta, eles não querem nem saber por que não são religiosos e não são nada, a religião deles é o dólar e esses tipos não contam, és um número mandam matar, mandam paras as guerras e não tão interessados em

mais nada, e agora se você for ver nem se quer vão às ruas, estão metidos, saíram das matanças, colocaram-se em ruas que são todas protegidas e ainda por cima pago com dinheiro do povo porque eram ex-presidentes, ex não sei o que.(VELASCO, 2013, p.27-28).

Novamente aqui o ex-atleta descarrega aos ombros da elite capitalista, dos detentores do dinheiro, a responsabilidade pela assolação do meio ambiente. Velasco, em seu depoimento, esforçou-se por transparecer que suas ideias de preservação são fortemente influenciadas pelo cientista brasileiro, Josué de Castro. Segundo conta, ao ler os dois volumes da obra de Castro intitulados *A Geografia da fome*, dizendo em seu depoimento serem essas obras muito esclarecedoras, “(...) esses livros, que são dois, deu pra compreender tanta coisa, fiquei tão ilustrado”, completa defendendo que:

(...) os recursos da terra servem para plantação que hoje existe, que na altura não é esta, se forem ordenadamente distribuída. (...) quando esses vorazes agarram uma planta em África e vão registrar como propriedade pessoal o genoma daquela planta, aquele africano, depois, não pode mais usar aquilo, vai ter que encontrar outra! (VELASCO, 2013, p.31).

Mais uma vez, não escapa aos olhares críticos que os anos trouxeram a Velasco, de encontrar e denunciar os “verdadeiros” culpados pela degradação e destruição do mundo, a indústria capitalista e detentora de poder e dinheiro. O mesmo ocorreu com o sistema colonial em África, onde as potências não dispensaram cuidado algum em explorar, não somente recursos naturais como também recursos humanos daquele continente. Volto a lembrar que Portugal está enfrentando determinadas crises financeiras e é bem provável que esse seu sentimento de “justiça social” seja reflexo da conjuntura econômica europeia atrelada à crise portuguesa.

Portanto, o que e como Velasco expõe seu depoimento, traz um acúmulo de sua história de vida, com seus pouco mais de oitenta anos, onde, somado a isto comunga um contexto histórico político que certamente influenciará sua visão, no presente, do mundo, do tempo e espaço vivenciado.

Considerações finais

Velasco, em seu depoimento como em seu *website*, tenta realizar um movimento de preservação de suas memórias e sua página na internet como uma monumentalização de si. Ao relatar sua própria vida, espera que gerações futuras possam obter conhecimento daquilo que foi o hóquei em patins e sua “época de ouro”, porém, também, almeja que essa próxima geração possa ter conhecimento de sua pessoa, do que e de como ele deseja. Bem como lembrou Alberti (2004), na narrativa da História Oral, a intenção contribui para a preservação e sobrevivência de um grupo, no caso deste trabalho o grupo diz respeito aos hoquistas que participaram junto à Velasco desse processo. Bem como da própria sobrevivência da figura de Velasco. Traçando uma correlação entre História Oral e tradição oral, a autora vai dizer que não há como não ter “pedaços de tradição oral” na narrativa de História Oral (ALBERTI, 2004).

Na África austral, em muitas regiões, a tradição oral assume um papel, pela voz do *griot*, de preservação da história de um povo, embora, em muitos desses casos a escrita não tenha registrado os acontecimentos importantes, como é o caso da sociedade ocidental. A preservação da sabedoria dos povos é transmitida como testemunho verbal de geração em geração através da memória. Ou seja, para alguns grupos africanos a história não se representa apenas por documentos escritos e, sim, pela oralidade, que vai sendo guardada e transmitida de geração à geração.

Amadou Hampâté Bâ, talvez o maior representante dos estudos de oralidade africana, rechaça alguns possíveis questionamentos quanto a confiabilidade da oralidade frente ao testemunho oral de fatos ocorridos. Segundo o autor, “O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem.” (HAMPATÉ BÂ, 1982, p.168). Assim, o trabalho com as memórias de Francisco Velasco, seja por meio do seu depoimento, seja por meio das suas narrativas construídas no blog, são legítimas para a compreensão dos significados atribuídos por ele, para a sua história pessoal e a História do Hóquei em Moçambique. O ex-atleta busca preservar não só suas memórias, como também a tradição do hóquei patinado

moçambicano, que parece haver para ele motivos de muito orgulho em ser testemunho ocular dessa história de Moçambique.

Para tanto, a utilização de sua página na internet foi um complemento fundamental como fonte documental para este trabalho. Velasco faz uso de seu *website* como depositário de memória, tentando guardar aquilo que acredita ser passível de preservação dos fatos, que são, de certa forma, previamente escolhidos em suas memórias, antes de serem publicados. Porém, de acordo com Schittine (2004) a construção virtual de uma memória é a forma contemporânea de indivíduos “guardarem” suas memórias, ainda que o “autor considere essa versão como sendo a original, embora não seja totalmente verdadeira”. Dessa forma, tem-se aqui o cuidado de não lançar um olhar com juízo de valor nos escritos de Velasco, pois como lembra a autora,

A verdade é que, num escrito íntimo, existem gradações entre a sinceridade absoluta e a mais pura ficção: pequenas mentiras, falhas de memória, lembranças entrecortadas. Esses fatores não comprometem a veracidade dos fatos, mas influenciam-na fortemente. (...) A diferença é que, quando alguém escreve, principalmente para um público, tenta preencher as lacunas, completar os fatos, explicar as experiências e, assim, muitas vezes, acaba interferindo nelas. (SCHITTINE, 2004, p.17)

Portanto, estando ciente das escolhas que nosso relator faz para expor ao público suas memórias e os percalços que existem entorno da veracidade dos fatos, torno a dizer que não houve, aqui, uma preocupação em classificar como verdadeiro ou inautêntico suas memórias. Com objetivo claro de que Velasco escreve para ser lido, mais que isso, o ex-atleta escreve para assim, ser comentado, ser lembrado e provocar lembranças às pessoas que o lerem. (SCHITTINE, *idem*, p.22). O depoente se propõe, ao elaborar seu *website*, a lançar suas memórias, instigando assim reações em quem as lê, para que o internauta, em seus comentários, também busque suas próprias memórias. Fazendo isto, o ex-atleta aplica-se, de certa forma, a realizar um movimento de tentar manter viva, para si, uma memória do hóquei em patins moçambicano. Assim como ocorre em sua página na internet, Velasco o faz em seu

depoimento, ou seja, também escolhe o que quer que seja registrado pelo gravador. Faz suas escolhas frente ao que deve ou não ser lembrado e relatado, o que deve ser ou não guardado.

Bem como nos “diários, correspondências, biografias e autobiografias, independente de serem memórias ou entrevistas de história de vida” (GOMES, 2004, p.7) o *website* em questão configura-se como uma produção da escrita de si. Seu autor faz do *site* uma espécie de diário, onde descreve acontecimentos registrados na memória e que, por algum motivo, acredita merecer ser lembrado e lido na posteridade. Vale lembrar que os “registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas.” Por isso, torna importante atentar para não deixar seduzir-se pela narrativa do depoente, pois sua grandeza está em constituir-se como documento histórico (GOMES, *Idem*, p.13).

Assim como sua narrativa oral, sua página na internet mostrou-se como um depositário de memória fundamental para este trabalho. Ali seu autor preserva, quase que intacta, a imagem de uma Lourenço Marques pré-independente, bem como seus visitantes (internautas) conterrâneos. Isso pode ser conferido ao ler os comentários daqueles que, com certo saudosismo, se expressam ao ler e observar as fotografias “postadas” por Velasco. Ele saiu de Moçambique em 1965 sob um regime político e, ao seu retorno em 1978, a situação era totalmente diferente naquele país. Mesmo que Velasco, com suas memórias de quase octogenário, possivelmente terá mais acuidade nos julgamentos. O fato é que no ano de 1981 Francis Xavier Franco Bélico de Velasco parte rumo a Portugal, deixando Maputo e preservando Lourenço Marques.

Referências

Fontes

VELASCO, Francisco Bélico. Entrevista concedida em 08/03/2013. Lisboa, 2013. Hospedada em <http://lehaf.paginas.ufsc.br>.

_____. Web Site Francisco Velasco. www.francisco-velasco.com. 2010.

Bibliografia

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org). **A Aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

ALBERTI, Verena. Palestra realizada de abertura do **VII Encontro Nacional de História oral**. Goiânia, 18-21 de maio de 2004.

ALMEIDA, Fernando Chaves. **Poder econômico e Estado Nacionais: uma abordagem a partir das esferas econômica e militar**. Dissertação de mestrado PPGE, Uberlândia: UFU, 2006.

ÀLVAREZ, Fernando Bouza. Lisboa sozinha, quase viúva: A cidade e a mudança da corte no Portugal dos Filipes. Lisboa, **Penélope**, N°13, 1994.

AVELAR, Pedro. **História de Goa: de Afonso de Albuquerque a Vassalo e Silva**. Alfragide: Texto, 2012.

BENCHIMOL, J. L.; SILVA, André Felipe Cândido da. Ferrovias, doenças e medicina tropical no Brasil da Primeira República. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro, July/Sept v. 15, p. 719-762, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das letras, 1994.

BOXER, C. R. **Império Colonial Português**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRAMÃO. Maria Helena. **O livro de ouro do mundo Português: Moçambique**. Lisboa: 1958.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: UNESP, 2009.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTELO, Claudia (org). **Os outros da colonização: ensaio sobre o colonialismo tardio em Moçambique**. Lisboa: ICS, 2012.

CHANAIWA, David. A África Austral. In: **História geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados**. vol.5 no.11 São Paulo Jan./Apr. 1991.

COLLAÇO, Magalhães. **Lições de Administração Colonial**. Compilação SILVA, Duarte. Coimbra: Neves, 1915.

CORRÊA, Sonia; HOMEM, Eduardo. **Moçambique: Primeiras Machambas**. Rio de Janeiro: Editora Margem, 1977.

CRUZ E SILVA. T Educação, identidades e consciência política A Missão suíça no Sul de Moçambique (1930-1975). **Lusotopie** 1998.

DALSIN, Karine. **Dimensões do Futebol Goês**. Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências do Desporto, Universidade do Porto, 2008.

DOMINGOS, Nuno. **Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique**. Lisboa: ISC, 2012.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César C. Souza. São Paulo: USP, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janina. (orgs). **USOS e ABUSOS da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FERREIRA, MM. (orgs). **História Oral: desafios para o século XXI**. [Online]. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Aventura e rotina**. Rio de Janeiro: Topbooks: Univer Cidade, 2001.

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo**. In: GOMES, Angela de Castro (org). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. (Coord). **História Geral de África I: Metodologia e pré-história de África**. Brasília: UNESCO, 2010.

JARDIM, Jorge. **Moçambique: terra queimada**. Lisboa: Intervenção, 1976.
<http://lehaf.paginas.ufsc.br>

JUNIOR, Rodrigues. **Colonização: contribuição para o seu estudo em Moçambique**. Lourenço Marque: África, 1958.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Belém: Universidade da Amazônia, S/D.

LOBATO, Manuel. Memória urbana, paisagem social e intertextualidade: Goa nos relatos de viajantes europeus dos séculos XVI e XVII. In Artur Teodoro de Matos e João Teles e Cunha (orgs.). **Goa: Passado e Presente. Tomo I**. Lisboa: CEPCEP/CHAM. 2012.

MATOS, Patrícia Ferraz. **As cores do Império: Representações raciais no Império Colonial Português**. Lisboa: ICS, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto: 2007.

MEMMI, Albert. **Retrato Do Descolonizado Árabe - Muçulmano E De Alguns Outros**. Rio de Janeiro: Civilizações, 2007.

MÓNICA, Mana Filomena. Ler e poder: debate sobre a educação popular nas primeiras décadas do século XX. **Análise Social**, vol. XVI (63), 1980, 499-518.

PANIKKAR; K. M. **A dominação ocidental na Ásia: do século XV aos nossos dias**. trad. Nemésio Salles. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PINHEIRO, Francisco. **História da Imprensa Periódica Desportiva Portuguesa (1875-2000)**. Dissertação de Doutoramento, apresentada à Universidade de Évora, 2009.

RICOEUR, Paul. **Memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

SANTANA, Eugénio Pinto. **Moçambicanidades Disputadas. Os Ciclos de Festas da Independência de Moçambique e da Comunidade Moçambicana em Lisboa**. Lisboa: Fim de Século. 2011.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec. 1988.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SCHMIDT, Benito Bisso. **O patriarca e o tribuno: caminhos, encruzilhadas, viagens e pontes de dois líderes socialistas. Francisco Xavier da Costa (187?-1934) e Carlos Cavaco (1878-1961)**. (Tese) Apresentada ao Programa de Pós-graduação em Historia, Campinas: UNICAMP, 2002.

SILVA, Duarte. **Lições de administração colonial**. Coimbra: Neves, 1916.

SILVA, Gabriela. **Educação e Gênero em Moçambique**. Porto: CAUP, 2007.

SOROMENHO, Castro. **Terra morta**. Lisboa: Campos das Letras, 2001.

TAVARES, Célia Cristina da Silva. Francisco Xavier e o Colégio de Goa. **Em Aberto**, Brasília, v. 21, n. 78, p. 121-134, dez. 2007.

TEIXEIRA, Sergio. A. A continuidade da presença portuguesa na África. **Organon**, revista da Faculdade de Filosofia, nº13. Porto Alegre: UFRGS, 1968.

THIAM, Iba Der; MULIRA, James. A África e os países socialistas. In: **História geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010.

ZAMPARONI, Valmir D. **Entre Narros & Mulungos: Colonialismo e paisagem social em Lourenço Marques c. 1890- c.1940**. (Tese) Apresentada ao Programa de História Social junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- FFLCH da Universidade de São Paulo: USP, 1998.

Anexo

Roteiro de questões

- O pessoal não entendia o que estava acontecendo? (Descriminação entre negros e brancos em Moçambique)

- Não tinha distinção de cor?

- Os negros se sentiam à vontade jogando hóquei?

- Qual a reacção da população?

- Mesmo vocês jogando na Europa, disputando jogos em Portugal, eles estavam sempre acompanhando? (a população)

- A família do senhor era portuguesa?

- E os estudos, como foram?

- Que decreto mais louco...

- Um para cada lado?!

- O que levou à saída do time de futebol (Os Big Boys) para o hóquei?

- Moçambique tinha muito desporto naquela época colonial do século xx.

- O Fernando Adrião (pai) não estava nessa, já havia parado em 1949?

- Esteve dois anos e meio parado após o Mundial de 1960, em Madrid, conte o que se passou.

- Em 1964 o seleccionador Jesus Correia foi a Lourenço Marques?

- Como é que explica a ascensão do senhor ao nível internacional, vindo do fim do mundo?

- Então o pessoal da Universidade do Porto esta atrás desse trabalho?

- É curioso como o governo salazarista ultramarino se utilizou dos atletas moçambicanos para permanecer com suas colónias.

- Já eram profissionais?

- Isso será um consenso entre os europeus? (sentimento de repulsa norte Americana)

- Eu estava vendo hoje em jornal de 1946 e estava indo para Moçambique uma delegação de estudantes de Coimbra, da Académica, e os moçambicanos todos eufóricos com esta visita, e iam ouvir o fado. Isso eu não vi em Coimbra, faltou fado.

- Me deixa aproveitar esse momento, e perguntar. Teve uma confusão no torneio de 1958, entre a seleção de Lourenço Marque e Lisboa, o que aconteceu?

- Jogava Lisboa, Moçambique e Angola nesse torneio?

- O pessoal de Lisboa estavam falando que os moçambicanos perderam a cabeça.

- Mas o senhor está falando dos jogos luso-brasileiros, certo, era um torneio que acontecia em Portugal, Luanda, e Moçambique?

- A diferença é só pelo numero mesmo né?!

- Sim, claro que é. Mas acho que eles não conseguem ver porque precisam fazer topografia.

- Juntou esta equipa e cada um com seu atributo!

- E então, muitas Saudades?

- O senhor não ganhou dinheiro com o hóquei, então porque não fazer o site por prazer, sem pensar em ganhar dinheiro?

- Este site é uma grande ferramenta pra pessoas como eu que querem estudar o hóquei em Moçambique.

- Muito bom Velasco (Chico), Muito obrigado!!!